

SHERLOCK HOLMES EM

A liga dos Cabeças Vermelhas

Londres

1890

Contrata-se homem ruivo para trabalho simbólico na Liga. Paga-se bem.



A Liga dos Cabeças Vermelhas

Escrito por **Sir Arthur Conan Doyle**

Tradução por

Isadora Gomes

Victoria Cabral

Arthur Castelo Branco

Agradecimento especial

à prof.^a Andrea Cristiane Kahmann, pelas sugestões e comentários que enriqueceram a tradução.

Obra em domínio público no Brasil segundo a Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Texto retirado do e-book “[The Adventures of Sherlock Holmes](#)”, produzido pelo [Project Gutenberg](#).

Título original

The Red-Headed League

Discentes

Arthur Castelo Branco – Contato: [E-mail](#)

Isadora Gomes – Contato: [E-mail](#) - [Instagram](#)

Victoria Cabral – Contato: [E-mail](#) - [Linkedin](#)

Orientador

Prof. Daniel Alves

Arte da capa

Mavis – [Instagram](#) – [Portifólio](#)

Elementos visuais adicionais

[Clipart Key](#), [Freepik](#), [Lost and Taken](#), [Vexels](#) e [Wikimedia Commons](#).

Tipografias

Algerian, Arial, Bebas, Heart Attack, Old English e Times New Roman.

Esta é a versão em PDF. Caso você prefira ler em EPUB, clique [aqui](#).

Caso queira a versão em EPUB sem o prefácio com notas tradutórias, clique [aqui](#).

Ressaltamos que quaisquer possíveis erros são inteiramente de responsabilidade dos discentes.

Curso de Bacharelado em Tradução – UFPB

João Pessoa - 2021

Sumário

Prefácio – Notas de Tradução	5
A Liga Dos Cabeças Vermelhas (texto traduzido)	11
The Red-Headed League (texto original)	32

Prefácio

The Red-Headed League é um conto do gênero romance policial escrito por Arthur Conan Doyle. Foi inicialmente publicado em 1891 e republicado como parte da antologia “The Adventures of Sherlock Holmes” no ano seguinte. A história se desenrola em outubro de 1890, quando Sherlock Holmes é desafiado por um caso sem igual. O Sr. Jabez Wilson, um comerciante londrino, vai até a Rua Baker, nº 221B para pedir ajuda ao famoso detetive após perder o emprego do dia para a noite. Algum tempo antes, o Sr. Wilson havia sido contratado por uma organização chamada “A Liga dos Cabeças Vermelhas” para um trabalho simbólico. Só havia duas condições para conseguir o emprego: o candidato precisava ser ruivo e deveria permanecer no escritório por quatro horas todos os dias. No entanto, no dia em que a história se passa, o Sr. Wilson vai trabalhar e vê que a Liga sumiu sem deixar rastros.

A partir da leitura e discussão da história, montamos um **projeto tradutório** para guiar nossas escolhas. A atividade de tradução não envolve apenas palavras correspondentes. É preciso pensar no sentido, na intenção, no efeito, no tom e em muitas outras coisas que o autor fez de maneira arbitrária, mas que o texto traduzido deve deliberadamente reproduzir (ou tentar). Definimos o público-alvo idealizado como leitores iniciantes, em seu primeiro contato com Sherlock Holmes. Decidimos manter o título “A Liga Dos Cabeças Vermelhas”, que já é conhecido e impactante.

O público-alvo idealizado também pedia uma linguagem contemporânea, sem arcaísmos desnecessários. No entanto, as falas de Sherlock Holmes contém algumas palavras em desuso (como “vossa mercê”, quando chama o Watson de “doutor”). Mesmo com a proposta de linguagem contemporânea, Watson, Jabez Wilson e Vincent Spaulding usam gírias e expressões datadas (como “**macacos me mordam**”, “**bufunfa**”, “**barbada**” e “**cargas d’água**”), marcas de oralidade que servem como um contraste entre esses personagens e Sherlock. Também é possível observar esse contraste na forma que os personagens falam: enquanto as falas de Sherlock são extensas, com várias orações subordinadas, as dos demais personagens são curtas, simples e diretas.

Escolhemos manter um pouco de formalidade com pronomes de tratamento e expressões polidas (“**por obséquio**”, “**queiram pegar a carruagem**”). Os personagens se tratam por “**senhor**” mesmo quando estão com raiva, a exemplo de quando Sherlock perde a

paciência com o Sr. Merryweather. As exceções são Sherlock e Watson, que se tratam por “**você**” porque são próximos, o Sr. Wilson, que chama Vincent de “**você**” por ser seu patrão, e uma das cenas finais em que o personagem em questão mostra desrespeito por Sherlock e Peter Jones.

A história de Arthur Conan Doyle acontece numa Londres fictícia que faz referência à Londres real. Nossa intenção foi situar o público sem retirar essas referências. Escolhemos traduzir os logradouros e adaptar os lugares mencionados, deixando o que fosse possível em Inglês. Assim, mantivemos os nomes das ruas em Inglês e a “**Saxe-Coburg Square**” como “**Praça Saxe-Couburg**”, mas adaptamos “**St. Jamess Hall**” para “**Sala de Concerto Saint James**” e “**City and Suburban Bank**” para “**Banco Cidade & Subúrbio**” porque, na nossa avaliação, os leitores precisavam de mais informações sobre esses lugares. O endereço “**7 Pope’s Court, Fleet Street**” foi adaptado para “**Rua Pope, nº 7 (esquina com a Rua Fleet)**” considerando a geografia da Londres fictícia de Holmes (seguindo [este](#) mapa elaborado por Thomas Bruce Wheeler) e o que seria mais confortável para os leitores idealizados de acordo com os endereços brasileiros.

Tivemos a ideia de usar uma ferramenta de auxílio à Tradução (em inglês: CAT Tool), algo incomum na Tradução Literária. No nosso caso, a intenção era facilitar o trabalho em equipe, impedir que deixássemos de traduzir alguma frase e ter fácil acesso aos segmentos já traduzidos. Escolhemos a memória de tradução gratuita e online MateCAT, que permite criar uma equipe de Tradução, dividindo um arquivo para pessoas diferentes trabalharem ao mesmo tempo. Os membros da equipe de tradução têm acesso a comentários, glossário compartilhado e um banco de dados com traduções públicas.

Durante o processo, o MateCAT foi útil, por exemplo, diminuindo o tempo de digitação, mantendo a formação do texto original e evitando grafias incorretas nos nomes dos personagens. No entanto, tivemos alguns problemas. A divisão em segmentos pode não ser o ideal na tradução literária, já que, por vezes, é preciso interpretar todas as frases juntas e alterar a ordem, por exemplo. Os comentários que fizemos nos segmentos ficaram desorganizados e visualmente confusos, dificultando nossa comunicação na ferramenta. Por fim, mesmo os segmentos que tinham compatibilidade interna (ou seja, tinham frases idênticas ou muito parecidas) não apareciam para os outros membros da equipe na aba “translation matches”, o que poderia ter causado discordância nas traduções se não tivéssemos registrado as escolhas por outros meios. Na nossa experiência, foi importante usar uma CAT Tool pela praticidade,

no entanto, quando terminamos a tradução e passamos trabalhar com o arquivo online simultaneamente para revisá-lo, o trabalho em equipe ficou mais harmonioso.

O arquivo foi dividido em três partes. A seguir, cada discente apresenta as suas experiências e dificuldades específicas com o texto, de acordo com a ordem de tradução.

Victoria Cabral

Traduzir literatura foi bastante desafiador para mim. No início deste projeto, eu levava pelo menos uma hora para traduzir cada segmento, pensando sobre as diferentes possibilidades e discutindo com meus colegas. Logo na primeira frase, Watson narra: **“I had called upon my friend, Mr. Sherlock Holmes, one day in the autumn of last year [...]”**. Substituí a estação por Outubro, mês que é especificado pelos personagens. Sei que muitas obras mantêm a referência e usam notas de rodapé para explicar, mas achei que seria confuso para o público idealizado. As descrições de vestimentas trouxeram dificuldades, afinal, por se tratar de um texto do século XIX, entender o uso e os significados sócio-culturais implícitos não foi fácil. Precisei fornecer detalhes adicionais, como **“Albert chain”**, que ficou **“corrente Albert para relógio de bolso”**.

Como a história é famosa, muitas pessoas discutem sobre o que está nas entrelinhas por meio de fóruns na internet. Isso me ajudou a formular algumas frases, como no exemplo abaixo. O personagem Jabez Wilson está se apresentando e dá a entender que não tem vida social. Além disso, pagar as contas é difícil, mas ele o faz com dignidade.

Texto-fonte	Texto-alvo
We live very quietly, sir, the three of us; and we keep a roof over our heads and pay our debts, if we do nothing more.	Nós três vivemos uma vida pacata, sem muito lazer. Arcamos com as despesas básicas, ainda bem, mas não sobra para além disso.

Exemplo 1 – O Sr. Jabez Wilson fala sobre sua vida social

Há muitas metáforas sobre cores de cabelo, no entanto, uma se destaca como difícil. Na página 16, Jabez Wilson descreve sete tons de ruivo que viu na multidão: **straw** (palha), **lemon** (limão siciliano), **orange** (laranja), **brick** (tijolo), **Irish-setter** (cachorro setter irlandês), **liver** (fígado) e **clay** (barro). Minha solução, após uma ampla pesquisa em sites sobre cabelos, foi usar tons de ruivo que existem em Português: *“Eu não fazia ideia de que havia tantos ruivos*

na Inglaterra. E nos mais variados tons: **dourados, acastanhados, amarelados, coral, alaranjados, acaju, acobreados [...]**”.

Quando chega ao escritório da Liga dos Cabeças Vermelhas, Jabez Wilson descreve: **“There was nothing in the office but a couple of wooden chairs and a deal table [...]**”. Aqui, a palavra arcaica “deal” se refere à madeira utilizada para fabricar móveis com preços baixos, atualmente denominados “softwood furniture”. Essa descrição é importante para a trama, pois nos faz questionar a natureza da Liga. Quando discuti com os colegas e o orientador, surgiu a opção de usar **“madeira de pinus”**, um material amplamente utilizado, no entanto, me pareceu que a ideia de algo barato poderia sumir. Considerei deixar **“mesa de MDF”**, mas iria parecer uma mesa mais sofisticada do que realmente é. Além disso, esses materiais são bem mais recentes do que o mencionado pelo Sr. Wilson. Se eu traduzisse como **“mesa feita com madeira de segunda qualidade”**, por exemplo, estaria fazendo constatações pelo público, o que Doyle não faz no original. A solução final foi **“mesa de madeira simples”**, que, na nossa avaliação, foi geral, mas deixou uma leve dúvida no ar.

O último exemplo de dificuldade aconteceu no fim da primeira parte, quando Duncan Ross diz **“I could tell you tales of cobbler’s wax which would disgust you with human nature”**. Na Inglaterra, “cobbler’s wax” é uma substância adesiva usada por sapateiros para encerrar fibras, facilitando, por exemplo, o processo de passar uma linha na agulha. Não é usada no Brasil, logo, não existe uma tradução consolidada. Encontrei as opções **“grude”**, **“cerol”**, **“pez”**, no entanto, Duncan faz uma referência a cobbler’s wax porque o produto tem uma cor alaranjada, ou seja, alguém poderia passa-la no cabelo para fingir ser ruivo. Considerei substituir por **“geleia de laranja”** ou algum outro elemento notoriamente alaranjado, mas achei que iria além do meu papel de tradutora neste projeto. No fim, a solução foi usar apenas **“cera”** (como cera de depilação ou cera de vela), esperando evocar esse mesmo sentido.

Isadora Gomes

Sempre gostei de tudo que envolvia livros, e esta experiência com a tradução literária não foi diferente. Acredito que a maior dificuldade que tive foi a falta de atenção em alguns pontos da história. Estava tão envolvida e preocupada com o ato de traduzir que algumas expressões e sentidos do texto passaram batido, mas graças às sugestões do professor e dos colegas, consegui reformular e adequar as frases. Por exemplo, na parte do texto em que o Sr. Wilson está copiando a Enciclopédia, ele cita várias palavras com a letra A que copiou. Entendi isso em Inglês, mas quando traduzi não me atentei e usei algumas palavras que não começavam

com A. Foi então que o professor comentou o sentido da passagem e troquei as palavras que faltavam. Aproveitei e fiz um trocadilho na frase seguinte com palavras também iniciadas por A (outra sugestão do professor).

Texto-fonte	Texto-alvo
It cost me something in foolscap, and I had pretty nearly filled a shelf with my writings.	Custou-me tanto almoço, que o armário se tornou um amontoado de anotações.

Exemplo 2 – Trocadilho com a letra A

No relato do Sr. Wilson, inicialmente, pensamos em usar aspas para diferenciá-lo da narração do Watson, porém, por se tratar de um relato consideravelmente grande, achamos que seria visivelmente confuso o uso das aspas para o leitor. Pensamos então em marcar o trecho de itálico, pois seria uma indicação visual facilmente reconhecida pelo leitor.

As dificuldades que tive no texto foram mais relacionadas ao que é ou não mais natural na nossa língua. Como na expressão “everything was as right as possible”, que a princípio, havia traduzido “literalmente” para “tudo estava tão certo quanto possível”, mas por não ser uma fala usual em Português, troquei por “tudo estava conforme o esperado”.

Arthur Castelo Branco

Não possuía prévia experiência com traduções de textos deste tipo. Embora a minha primeira impressão foi que a tradução apoiada pelo matecat fosse transcorrer sem maiores problemas, ledo engano: pela pouca experiência ao utilizar o programa, me deixei guiar pelas estatísticas e sentenças oferecidas pelo programa e muitas vezes ignorei ou mesmo não percebi problemas existentes em diferentes contextos. Realizar este tipo de tarefa sob pressão do tempo, além da falta de prática pessoal, não é recomendável. O resultado pode ser desastroso. Graças ao auxílio do professor e dos demais participantes, foi possível adequar os trechos mais difíceis de acordo com a proposta do trabalho.

Creio que as dificuldades mais recorrentes durante o meu trabalho foram as traduções literais de trechos que faziam algum sentido no português mas que não eram expressões usuais seja no discurso oral ou na edição de textos literários. A adequação em si não foi o processo que julguei mais difícil — definir a escolha mais adequada diante de várias possibilidades talvez tenha sido a parte mais peculiar do trabalho, evitar preciosismos ao mesmo tempo em que se busca a tradução mais genérica possível.

Me deparei com alguns problemas específicos de tradução, por exemplo, “**derbies**” e “**pea jacket**”. A primeira trata de uma gíria antiga para “**algemas**” e a segunda sobre uma peça de vestuário que eu desconhecia. Outra ocorrência bastante peculiar foi a expressão “**Great Scott!**”, pois não fazia ideia que se tratava de uma expressão de surpresa. A diferença que uma vírgula pode fazer... como diz o ditado, “para quem sabe ler, um pinga é letra”.



Como foi nossa primeira experiência com Tradução Literária, pensamos em cada detalhe e refletimos sobre cada escolha com a intenção de proporcionar um texto natural e descomplicado para vocês, leitoras e leitores. Esperamos que gostem!

A Liga Dos Cabeças Vermelhas

Visitei a casa do meu amigo, o Sr. Sherlock Holmes, em um dia de outubro do ano passado. Ao chegar, vi que ele estava em uma séria conversa com um homem idoso, de barriga proeminente, rosto corado e cabelos cor escarlata.

Desculpei-me por perturbá-los e já estava prestes a me retirar quando, de supetão, Holmes me puxou para dentro da sala e fechou a porta.

— Você chegou bem na hora, meu caro Watson — afirmou ele, em tom cordial.

— Fiquei receoso em vir, pois achei que você estaria ocupado.

— E estou. Bastante ocupado.

— Sendo assim, posso esperar aqui ao lado.

— Não, de forma alguma.

Dirigindo-se ao senhor com quem conversava antes, Holmes comentou:

— Sr. Wilson, este cavalheiro me acompanhou e me auxiliou em várias das minhas constatações mais célebres. Tenho certeza de que ele será muitíssimo útil no caso que o senhor me trouxe.

O cavalheiro robusto ergueu o corpo da cadeira e acenou com a cabeça em cumprimento, evidenciando as bolsas de gordura embaixo das pálpebras ao estreitar os olhos para me lançar um breve olhar indagador.

— Acomode-se no sofá — Holmes pediu enquanto se inclinava em uma poltrona e juntava as pontas dos dedos, como era de praxe quando ele estava em modo questionador. — Meu caro Watson, sei que você tem a mesma afeição que eu pelo atípico e por aquilo que se opõe aos padrões monótonos estabelecidos para o cotidiano. Essa afeição é visível no entusiasmo que lhe incitou a escrever crônicas sobre minhas singelas aventuras. E, por favor, não se ofenda, mas devo dizer que o entusiasmo também lhe incitou a adorná-las ligeiramente.

— De fato, seus casos sempre despertaram um enorme interesse em mim — constatei.

— Talvez você se recorde de um comentário que fiz antes de analisarmos o pequeno problema da Srta. Mary Sutherland. O melhor recurso para desvendar circunstâncias inusitadas é a vida: ela é mais desafiadora e mais incomum do que qualquer coisa maquinada na nossa imaginação.

— E você lembra que, naquele dia, duvidei dessa afirmação sem pedir licença.

— Claro, Doutor. Todavia, farei seus argumentos caírem por terra se vossa senhoria não mudar de opinião, abarrotando-lhe de fatos até que reconheça a veracidade da minha afirmação. Veja — Sherlock continuou —, o Sr. Jabez Wilson fez a gentileza de me visitar na manhã de hoje para introduzir uma situação que pode ser uma das mais singulares que já ouvi. Já comentei outras vezes e o farei agora: as coisas mais raras e mais curiosas muitas vezes estão conectadas aos delitos leves, não aos graves. Por vezes, elas também estão conectadas à existência de uma margem para dúvidas quanto a um delito ter sido perpetrado ou não. Pelo que escutei até agora, é impossível dizer se houve algum crime, mas as circunstâncias certamente figuram entre as mais extraordinárias de que já tomei conhecimento. Sr. Wilson, será que pode fazer o favor de recomençar o seu relato? Peço isso não apenas porque meu caro amigo Dr. Watson não ouviu o início, mas também porque o cunho incomum da história me deixa ávido para ouvir todos os pormenores direto da sua boca. Via de regra, consigo me nortear a partir dos milhares de casos similares que me vêm à memória ouvindo apenas um pouco sobre os acontecimentos em questão. No presente caso, sou obrigado a reconhecer que os fatos são, ao que me consta, únicos.

O senhor barrigudo estufou o peito com um exíguo ar de orgulho. Em seguida, buscou um jornal sujo e amassado no compartimento interno da sobrecasaca que usava. Enquanto ele olhava os classificados com o papel apoiado no joelho e a cabeça inclinada para frente, examinei o homem, tentando enxergar os elementos que sua aparência ou suas vestes poderiam indicar, como meu amigo fazia.

Minha análise, no entanto, não trouxe muitas informações. Nosso visitante apresentava as mesmas características que qualquer outro comerciante britânico comum, com sua obesidade, arrogância e lentidão. Ele vestia calças largas na cor cinza e em padrão xadrez. Sua sobrecasaca era preta, estava levemente suja e tinha os botões frontais abertos. Uma barulhenta corrente Albert para relógio de bolso e uma medalha que trazia um quadrado vazado em seu meio pendiam do colete esmaecido que o homem usava. Junto a ele, em cima de uma cadeira, via-se um puído chapéu alto e um sobretudo marrom que perdeu a cor com o colarinho de veludo amassado. Mesmo que eu fizesse os maiores esforços para examinar, não havia nada de impressionante nele, a não ser pelos cabelos rúbeos e pela intensa expressão de decepção em seu rosto.

Com sua perspicácia inerente, Sherlock Holmes compreendeu o que eu fazia e balançou a cabeça com um sorriso ao notar meus olhares averiguadores.

— Com exceção das constatações óbvias de que ele fuma, é maçom, outrora foi operário, já visitou a China e tem escrito muito ultimamente, nada consigo deduzir.

O Sr. Jabez Wilson se mexeu de forma súbita na cadeira, com o dedo indicador no jornal e os olhos fixos em meu amigo.

— Macacos me mordam! Sr. Holmes, como sabe de tudo isso? — admirou-se. — Como o senhor descobriu, por exemplo, que fui operário? É a mais pura verdade, pois o primeiro emprego que tive foi de marceneiro naval.

— É por causa de suas mãos, meu senhor. A mão direita é maior que a esquerda. Os músculos são mais desenvolvidos porque o senhor trabalhou com ela.

— O que lhe leva a crer que fumo e que faço parte da Maçonaria?

— Não insultarei sua inteligência dizendo como deduzi isso, sobretudo porque, em desobediência às severas regras da sua organização, o senhor usa um broche com o esquadro e o compasso.

— Ah, mas é claro. Não tinha reparado que ainda usava. E como o senhor sabe que tenho escrito muito?

— A manga direita da sua camisa é brilhante perto do punho. A manga esquerda está gasta na parte que fica em contato com a mesa quando o senhor apoia o cotovelo. O que mais poderia ser, senão um volume grande de escrita?

— Certo, mas como sabe que fui à China?

— O peixe tatuado logo acima do seu pulso direito só poderia ter sido feito na China. Estudei um pouco sobre tatuagens e cheguei inclusive a colaborar para a bibliografia do assunto. Escamas de peixes tingidas em um tom sutil de rosa é algo bem característico de lá. Ademais, quando vi a medalha chinesa na corrente do seu relógio de bolso, tudo ficou ainda mais elementar.

O Sr. Jabez Wilson gargalhou.

— Céus, quase não acredito! — disse, surpreso. — Assim que ouvi suas palavras, achei que o senhor tivesse feito algo genial. Agora vejo como é simples.

— Sabe, Watson — Holmes comentou —, creio que explicar foi um erro. É como diz a expressão latina "*omne ignotum promagnifico*". Se eu continuar sendo tão transparente assim, minha frágil reputação irá para as cucuias. Não localizou o anúncio, Sr. Wilson?

— Já encontrei — ele avisou, apontando o dedo gordo e enrubescido para o meio da coluna. — Aqui está. Isto foi o que desencadeou todos os acontecimentos. Pode ler, Sr. Watson.

Segurando o jornal que antes estava nas mãos dele, li o seguinte:

"**À LIGA DOS CABEÇAS VERMELHAS:** em virtude da deixa testamentária do Sr. Ezekiah Hopkins, recém-falecido na cidade de Lebanon, estado da Pensilvânia, Estados Unidos da América, há agora uma vaga aberta na Liga. O novo membro executará um trabalho simbólico por £ 4 semanais. Podem se candidatar todos os homens ruivos, saudáveis, maiores de 21 anos e em pleno domínio de suas faculdades mentais. Interessados devem ir pessoalmente ao escritório da Liga na segunda-feira às onze horas da manhã. Endereço: Rua Pope, nº 7 (esquina com a Rua Fleet). Tratar com Duncan Ross."

— Que cargas d'água quer dizer isto? — exclamei após ler o anúncio inacreditável pela segunda vez.

Holmes riu e se contorceu na cadeira, como era de praxe quando estava animado.

— Um pouco incomum, não é? — comentou ele. — Agora, Sr. Wilson, por favor prossiga e nos conte tudo do começo: como é sua vida, com quem o senhor mora e que impacto o anúncio teve em suas finanças. Antes, Doutor, por obséquio, tome nota de onde e quando o anúncio foi publicado.

— Foi no jornal "*A Crônica da Manhã*", edição do dia 27 de abril de 1890. Pouco tempo atrás.

— Excelente. Pode retomar, Sr. Wilson?

Usando o lenço de bolso para secar a testa, o Sr. Jabez Wilson recomeçou o relato.

— Bem, como eu lhe dizia antes, Sr. Sherlock Holmes, sou dono de uma casa de penhor na Praça Saxe-Coburg, perto do centro da cidade. É um comércio simples, bem pequeno. De alguns anos para cá, ganho apenas o suficiente para me sustentar. Houve épocas em que eu tinha dois funcionários, mas agora só tenho um. E a muito custo. Não teria como pagá-lo, mas ele aceita receber metade do salário para aprender o ofício.

— E como se chama esse jovem prestimoso? — Sherlock Holmes inquiriu.

— Seu nome é Vincent Spaulding, mas não é tão jovem. Não sei exatamente quantos anos ele tem. Sr. Holmes, nunca imaginei que fosse ter um funcionário tão bom. Tenho plena consciência do potencial dele para se aperfeiçoar e receber o dobro do salário que pago. Mas se ele está satisfeito, por que eu haveria de colocar ideias em sua cabeça?

— De fato, por quê? O senhor me parece muito afortunado por ter um funcionário que recebe menos que o normal. Hoje em dia, os patrões raramente têm essa oportunidade. Ele é mesmo tão excepcional quanto o senhor diz? Tenho dúvidas quanto a isso.

— Ah, mas ele também tem defeitos — o Sr. Wilson argumentou. — Vincent gosta demais de fotografia. Em vez de aprender coisas novas, ele fica andando por aí com uma

câmera. Depois, desaparece no porão para revelar as fotos, como um coelho que se esconde em sua toca. Esse é seu maior defeito, mas ele é um bom trabalhador. É um rapaz sem vícios.

— Ele ainda trabalha para o senhor?

— Sim. Além dele, tenho uma funcionária que limpa e cozinha o trivial. Moro apenas com eles dois, pois sou viúvo e nunca tive filhos. Nós três vivemos uma vida pacata, sem muito lazer. Arcamos com as despesas básicas, ainda bem, mas não sobra para além disso. A primeira coisa a abalar nossa rotina foi esse anúncio. Dois meses atrás, Vincent chegou ao escritório com este mesmo jornal em mãos, lamentando-se:

— *Céus, Sr. Wilson! Quem me dera ser ruivo.*

— *Por que diz isso? — perguntei.*

— *Ora — replicou ele —, a Liga dos Cabeças Vermelhas está à procura de um novo membro. Quem conseguir a vaga receberá uma boa quantia. Parece que são muitas vagas e poucos homens qualificados. Os administradores nem sabem o que fazer com a bufunfa. Ah, se meu cabelo mudasse de cor! Seria um trabalho perfeito para mim.*

— *Afinal, que Liga é essa? — questionei.*

— Sou um homem muito caseiro, sabe, Sr. Holmes. Como não preciso ir atrás dos clientes, pois eles vêm até mim, já cheguei a ficar semanas sem colocar os pés para fora de casa. Sendo assim, desconheço o que se passa na cidade. Sempre me alegro quando ouço alguma novidade — O Sr. Wilson explicou, retomando o relato em seguida.

— *O senhor nunca ouviu falar da Liga dos Cabeças Vermelhas? — indagou Vincent, com os olhos arregalados.*

— *Nunca.*

— *Ora, mas como, se o senhor se qualifica para uma das vagas?*

— *E qual o salário? — eu quis saber.*

— *Oh, apenas umas duzentas libras por ano, porém o trabalho exige pouco tempo e esforço, então não atrapalhará as outras atividades de quem for selecionado.*

O ruivo fez mais um comentário, interrompendo o relato por um momento:

— Como os senhores podem imaginar, aquilo chamou minha atenção. Afinal, os tempos têm sido de vacas magras no meu comércio. Um dinheirinho a mais viria a calhar.

— *Por favor, me coloque a par dos detalhes — pedi a Vincent.*

— *Olhe — ele mostrou o anúncio —, é neste endereço que o senhor deve ir para se inscrever. Até onde eu sei, a Liga foi fundada por um milionário estadunidense. Se chamava Ezekiah Hopkins. Era um homem de costumes muito peculiares. Ele queria muito bem a todos os homens ruivos, pois era um também. Quando faleceu, todo o seu dinheiro ficou nas mãos de*

administradores, que, por sua vez, foram instruídos a gerar empregos e garantir um lugar ao sol para os homens que tinham a mesma cor de cabelo que o milionário. Soube que o trabalho é muito simples e que o salário é excepcional.

— Mas milhares de homens ruivos irão se candidatar — argumentei.

— Nem tantos assim — explicou ele. — Veja bem, apenas homens adultos e nascidos em Londres podem se candidatar. O primeiro emprego desse milionário foi em Londres, ainda na juventude. Por isso, ele queria retribuir fazendo algo que beneficiasse a cidade. Se bem que eu soube que não adianta se inscrever para a vaga se seu cabelo tiver uma cor suave. Os administradores não querem loiro-avermelhados ou castanho-acobreados. Membros da Liga devem ter cabelo ruivo intenso como labaredas. Se o senhor se inscrevesse, seria uma barbada, Sr. Wilson. Mas talvez uns trocados a mais não valham esse esforço.

— Senhores, como podem ver, meu cabelo tem uma cor viva. Por isso, na minha opinião, eu tinha mais chances de conseguir a vaga que qualquer um.

Vincent Spaulding parecia conhecer tanto essa tal Liga que achei que levá-lo comigo seria vantajoso. Mandei que fechasse a loja, coisa que ele fez com todo o prazer. Ficou nas nuvens por ter uma folga. Em seguida, seguimos para o local indicado no anúncio.

Eu nunca tinha visto nada como aquilo antes, Sr. Holmes. Homens vinham aos montes, de todos os cantos. Até os que tinham o mínimo vestígio de cabelo ruivo peregrinavam até ali por causa do bendito anúncio. A Rua Fleet estava lotada de ruivos. A Rua Pope parecia uma banca de laranjas na feira. Eu não fazia ideia de que havia tantos ruivos na Inglaterra. E nos mais variados tons: dourados, acastanhados, amarelados, coral, alaranjados, acaju, acobreados... Mas Vincent tinha razão. Pouquíssimos tinham a cor intensa e radiante que lembra o fogo. Fiquei desesperado quando vi todos aqueles concorrentes. Eu quis desistir, mas Vincent não deixou. Não sei como, mas ele saiu empurrando e batendo nas pessoas para abrir caminho no meio daquela multidão. Quando vi, já estávamos nos degraus que levavam ao escritório. Alguns homens subiam para lá esperançosos, outros desciam abatidos. Passamos por eles a duras penas, mas logo chegamos ao nosso destino.

O Sr. Jabez Wilson fez uma pausa para refrescar a memória com uma tragada de cigarro.

— Ouvir sua aventura está sendo muito fascinante — refletiu Holmes. — Por gentileza, siga nos alegrando com o seu relato.

No escritório só havia algumas cadeiras e um sujeito franzino que se apoiava em uma mesa de madeira simples. A cabeleira ruiva dele chamava atenção. Os fios tinham uma cor ainda mais intensa que os meus. Ele via defeito em todos os homens que apareciam. Só bastavam algumas palavras para desclassificar qualquer candidato. Conseguir a vaga não

parecia mais uma tarefa simples. Mas quando chegou a minha vez, o sujeito foi o oposto do que tinha sido com os outros. Ele foi simpático e até fechou a porta quando entrei com Vincent, para nos dar privacidade.

— Este é o Sr. Jabez Wilson — Vincent me apresentou. — Ele deseja se candidatar para a vaga na Liga.

— E ele se encaixa direitinho! — a resposta veio prontamente. — Preenche todos os requisitos. Nunca vi um candidato melhor.

O sujeito deu um passo para trás e inclinou a cabeça para o lado. Ele admirou tanto meu cabelo que fiquei com vergonha. E aí, do nada, deu um salto para frente, apertou minha mão e me parabenizou.

— Sem dúvida, não lhe contratar seria um erro — ele avaliou. — Mas peço licença para tomar uma precaução necessária. Sei que o senhor vai me perdoar por isso.

Logo após ouvir essas palavras, senti as mãos dele no meu cabelo. Ele puxou, esticou e repuxou. Só parou quando eu gritei de dor.

— Seus olhos estão marejados — ele notou. — Está tudo nos conformes. Nós da Liga temos de ser cautelosos. Já usaram perucas para nos enganar duas vezes. Uma vez, nos enganaram com tinta. Sei de histórias com cera que os deixariam com nojo da humanidade.

Ele foi até a janela e gritou a plenos pulmões que a vaga estava ocupada. Ouvimos suspiros de frustração no andar de baixo. Os homens foram embora, espalhados em direções diferentes. Dentro de pouco tempo o sujeito na minha frente e eu éramos os únicos ruivos ali.

— Meu nome é Duncan Ross — ele se identificou. — Sou um dos administradores responsáveis pelo patrimônio que nosso ilustre benfeitor deixou. — O senhor é casado, Sr. Wilson? Tem filhos?

Eu respondi que não.

O semblante dele mudou na hora. Parecia decepcionado.

Minha nossa! Isso é muito grave — seu tom ficou sério. — Fico triste em ouvir o senhor dizer isso. Como é evidente, o propósito da Liga é oferecer subsídio para o aumento, a difusão e a manutenção da população ruiva. Seu estado civil atual é inconveniente. Que infelicidade.

Isso me colocou pra baixo, Sr. Holmes. Fiquei muito triste. Achei que não ia conseguir a vaga. Mas ele refletiu por alguns minutos e disse que não tinha problema.

— Em outro caso, essa objeção poderia ser fatal, mas para um homem com uma cabeleira como a sua, precisaremos abrir uma exceção — disse ele. — Quando poderá iniciar suas novas funções?

— Bem, isto é um pouco embaraçoso, pois já tenho um negócio — respondi.

— *Ah, não se preocupe com isso, Sr. Wilson!* — replicou Vincent Spaulding. — *Cuidarei disso para o senhor.*

— *Qual seria o horário?* — indaguei.

— *Das dez da manhã às duas da tarde.*

Agora, o negócio de um penhorista é feito principalmente à noite, Sr. Holmes, especialmente na quinta e na sexta à noite. Por isso, para mim seria muito conveniente ganhar um dinheirinho a mais durante o dia. Além disso, eu sabia que meu funcionário era um bom homem e que cuidaria do que fosse preciso.

— *Isso seria muito bom para mim* — disse eu. — *E o pagamento?*

— *São quatro libras por semana.*

— *E o trabalho?*

— *É somente simbólico.*

— *Como assim, somente simbólico?*

— *Bom, o senhor deverá estar no escritório, ou pelo menos no prédio, o tempo todo. Se sair, perderá o seu cargo para sempre. O testamento é muito claro nesse ponto. Se sair do escritório durante esse período, estará descumprindo as condições.*

— *São apenas quatro horas por dia, não pensarei em ir embora* — disse eu.

— *Desculpas não serão aceitas* — disse o Sr. Duncan Ross —, *nem doença, nem negócios, nem qualquer outra coisa. Deverá permanecer lá, ou não receberá seu pagamento.*

— *E o trabalho?*

— *É copiar a Enciclopédia Britânica. O primeiro volume está naquela prensa. Deverá trazer sua própria tinta, canetas e papel almaço, mas nós fornecemos esta mesa e cadeira. Estará preparado para amanhã?*

— *Certamente* — respondi.

— *Então, adeus, Sr. Jabez Wilson, e deixe-me parabenizá-lo mais uma vez pelo emprego que o senhor teve a sorte de conseguir.*

Ele me pôs para fora da sala e fui para casa com meu funcionário, sem saber o que dizer ou fazer, de tão feliz que estava com minha própria sorte.

Bom, pensei sobre o assunto o dia todo e, à noite, estava desanimado novamente, pois eu havia me convencido de que todo o caso devia ser alguma grande farsa ou fraude, embora eu não pudesse imaginar qual seria seu objetivo. Parecia totalmente impossível acreditar que alguém pudesse fazer tal testamento ou que pagaria tal quantia por fazer algo tão simples como copiar a Enciclopédia Britânica. Vincent Spaulding fez o que pôde para me animar, mas na hora de dormir eu já estava decidido a sair da situação. No entanto, pela manhã, resolvi dar

uma olhada de qualquer maneira, então comprei um tinteiro de um centavo e, com uma caneta de pena e sete folhas de papel almaço, parti para a Rua Pope.

Para minha surpresa e alegria, tudo estava conforme o esperado. A mesa estava preparada para mim, e o Sr. Duncan Ross estava lá para se certificar de que eu trabalharia adequadamente. Ele iniciou com a letra A e depois me deixou, mas aparecia de vez em quando para ver se estava indo tudo bem. Às duas horas, ele me desejou um bom dia, elogiou-me pela quantia que eu havia escrito e trancou a porta do escritório atrás de mim.

Isso continuou dia após dia, Sr. Holmes, e no sábado, ele apareceu trazendo as quatro libras pelo meu trabalho da semana. Foi a mesma coisa nas duas semanas seguintes. Todas as manhãs eu estava lá às dez e todas as tardes saía às duas. Aos poucos, o Sr. Duncan Ross começou a visitar apenas uma vez por manhã e, depois de um tempo, parou de vez. Ainda assim, é claro, não ousei sair da sala nem por um instante, pois não tinha certeza de quando ele poderia voltar, e o pagamento era tão bom, que eu não correria o risco de perdê-lo.

Oito semanas se passaram, e eu havia escrito sobre Abades e Arcos e Armaduras e Arquitetura e Ática, e esperava com diligência poder chegar ao B em pouco tempo. Custou-me tanto almaço, que o armário se tornou um amontoado de anotações. E então, de repente, todo o negócio chegou ao fim.

— Chegou ao fim?

— Sim, senhor. Na manhã de hoje. Fui para o meu trabalho às dez horas, como de costume, mas a porta estava trancada. Havia um pedaço de papelão pregado no meio do painel com uma tachinha. Aqui está, leia por si mesmo.

Ele ergueu um pedaço de papelão branco do tamanho de uma folha de papel, em que se lia:

“A LIGA DOS CABEÇAS VERMELHAS FOI DESFEITA. 9 de outubro de 1890.”

Sherlock Holmes e eu examinamos esse breve anúncio e o rosto pesaroso por trás dele, até que o lado cômico do caso superou tão completamente todas as outras considerações que ambos explodimos em gargalhadas.

— Não consigo ver o que há de tão engraçado — exclamou nosso cliente, corando até as raízes de sua cabeça vermelha. — Se não fará nada além de rir de mim, posso ir embora.

— Não, não — apelou Holmes, empurrando-o de volta para a cadeira de onde ele havia se levantado. — Eu não perderia seu caso por nada neste mundo. É revigorantemente incomum. Mas há, se me desculpem, algo um pouco engraçado nisso. Diga-me, o que o senhor fez quando encontrou o cartaz na porta?

— Fiquei pasmo, senhor. Não sabia o que fazer. Então liguei para os escritórios próximos, mas nenhum deles parecia saber de nada a respeito. Finalmente, fui até o proprietário, um contador que mora no térreo, e perguntei se ele poderia me dizer o que tinha acontecido com a Liga dos Cabeças Vermelhas, e ele disse que nunca tinha ouvido falar de tal grupo. Perguntei, então, quem era o Sr. Duncan Ross, ele respondeu que o nome era novo para ele.

— *Bem — disse eu —, o cavalheiro da sala 4.*

— *Quem, o homem ruivo?*

— *Sim.*

— *Ah — ele respondeu —, seu nome era William Morris. Ele era um advogado e estava usando o cômodo como um escritório temporário até que suas novas instalações estivessem prontas. Ele se mudou ontem.*

— *Onde posso encontrá-lo?*

— *Em seu novo escritório, ele me passou o endereço. Rua King Edward, número 17, perto da Catedral de Saint Paul.*

— Parti para lá, Sr. Holmes, mas quando cheguei ao endereço era uma fábrica de joelheiras artificiais, e ninguém tinha ouvido falar do Sr. William Morris ou do Sr. Duncan Ross.

— E então, o que fez? — questionou Holmes.

— Fui para casa, na Praça Saxe-Coburg e pedi um conselho ao meu funcionário. Mas não me ajudou em nada, pois ele só disse que eu esperasse por uma carta dos correios. Mas aquilo não foi suficiente, Sr. Holmes. Não queria perder a vaga assim sem lutar, e como ouvi dizer que o senhor era bom o suficiente para dar conselhos aos pobres que deles precisavam, vim imediatamente procurá-lo.

— Sábio de sua parte — respondeu Holmes. — Seu caso é extraordinariamente notável e ficarei contente em examiná-lo. Pelo que me disse, acredito que a situação possa ser mais grave do que pensamos inicialmente.

— Grave o suficiente! — exclamou o Sr. Jabez Wilson. — Ora, perdi quatro libras por semana.

— No que lhe diz respeito — observou Holmes, — não vejo que tenha qualquer queixa contra esta liga extraordinária. Pelo contrário, o senhor está, pelo que sei, cerca de trinta libras mais rico, para não falar do minucioso conhecimento que adquiriu sobre cada assunto que vem sob a letra A. O senhor não perdeu nada.

— Não, senhor. Mas eu quero saber sobre eles, e quem são, e qual era o objetivo deles em pregar essa peça, se foi uma peça, em mim. Foi uma piada muito cara para eles, pois custou-lhes trinta e duas libras.

— Nos empenharemos em esclarecer esses pontos para o senhor. Primeiramente, uma ou duas perguntas, Sr. Wilson. Esse seu funcionário, que lhe chamou a atenção para o anúncio, está há quanto tempo com o senhor?

— Cerca de um mês.

— Como ele chegou?

— Por meio de um anúncio.

— Ele era o único candidato?

— Não, tinha uma dúzia.

— Por qual motivo o escolheu?

— Porque ele era útil e sairia barato.

— Pela metade do salário, na verdade.

— Sim.

— Como é ele, esse Vincent Spaulding?

— Pequeno, robusto, rápido à sua maneira e sem barba, embora não tenha menos de trinta anos. Tem uma mancha branca de ácido na testa.

Holmes endireitou-se na cadeira com considerável entusiasmo.

— Foi o que pensei — disse ele. — O senhor reparou se as orelhas dele têm furos para brincos?

— Sim, senhor. Ele me disse que um cigano os fez quando ele ainda era um rapaz.

— Hum — respondeu Holmes, voltando a pensar profundamente. — Ele ainda está trabalhando para o senhor?

— Ah, sim, senhor; inclusive, estive há pouco tempo com ele.

— E seu negócio foi bem cuidado em sua ausência?

— Nada a reclamar, senhor. Temos pouco o que fazer durante o dia.

— Isso basta, Sr. Wilson. Terei prazer em dar-lhe uma opinião sobre o assunto no prazo de um ou dois dias. Hoje é sábado, e espero que na segunda-feira possamos chegar a uma conclusão.

— Bem, Watson — disse Holmes quando nosso visitante nos deixou —, o que você acha de tudo isso?

— Não faço ideia — respondi francamente. — É um caso muito misterioso.

— Via de regra — observou Holmes, — quanto mais bizarro algo é, menos misterioso se mostrará ser. Assim como um rosto comum é o mais difícil de identificar, os crimes mais comuns e inexpressivos são os realmente intrigantes. Mas serei breve quanto a este assunto.

— O que fará, então? — questionei.

— Vou fumar — respondeu ele. — É um problema para pelo menos três cachimbos e imploro que você fique em silêncio por cinquenta minutos.

Holmes se acomodou em sua cadeira, com os joelhos finos encolhidos até o nariz de águia, com os olhos fechados e seu cachimbo de barro preto projetando-se para fora como o bico de algum pássaro estranho. Cheguei à conclusão de que ele havia adormecido quando de repente ele saltou da cadeira numa tomada de decisão e pousou o cachimbo sobre a lareira.

— O violinista Sarasate toca na Sala de Concerto Saint James esta tarde — ele comentou. — O que acha, Watson? Seus pacientes poderiam dispensá-lo por algumas horas?

— Não tenho nada para fazer hoje. Minha prática nunca é muito cativante.

— Então coloque seu chapéu e venha. Vou primeiro pela cidade e podemos almoçar no caminho. Observo que há uma boa quantidade de música alemã no folheto da programação, que prefiro à italiana ou francesa. É introspectivo e eu quero fazer uma introspecção. Venha!

Viajamos de metrô até Aldersgate; e uma curta caminhada levou-nos à Praça Saxe-Coburg, cenário da história singular que ouvimos pela manhã. Era um lugar apertado, pequeno e maltrapilho, onde quatro fileiras de casas de dois andares com tijolos sujos davam para um recinto cercado por grades, onde um gramado alto e alguns arbustos desbotados lutavam duramente contra uma atmosfera carregada de fumaça e incompatível. Três bolas douradas e um quadro marrom com “JABEZ WILSON” escrito em letras brancas, numa casa de esquina, anunciavam o local onde nosso cliente ruivo conduzia seus negócios. Sherlock Holmes parou em frente à casa com a cabeça inclinada para o lado e analisou tudo, com os olhos brilhando intensamente entre as pálpebras franzidas. Ele caminhou lentamente pela rua e depois desceu novamente até a esquina, ainda olhando atentamente para as casas. Por fim, voltou à casa de penhores e, tendo batido vigorosamente na calçada com sua bengala duas ou três vezes, foi até a porta e bateu. A porta foi imediatamente aberta por um jovem de aparência brilhante e bem barbeado, que lhe pediu para entrar.

— Obrigado — disse Holmes —, só gostaria de perguntar como posso ir daqui para a Avenida Strand.

— Terceira à direita, quarta à esquerda — respondeu prontamente o funcionário, fechando a porta.

— Sujeito esperto, esse — observou Holmes enquanto nos afastávamos. — Ele é, em minha opinião, o quarto homem mais esperto de Londres, e ousou dizer não ter certeza de que ele não possa ser o terceiro. Já ouvi a respeito dele.

— Evidentemente — disse eu —, o funcionário do Sr. Wilson conta muito neste mistério da Liga dos Cabeças Vermelhas. Tenho certeza de que você perguntou aquilo apenas para que pudesse vê-lo.

— Não ele.

— O que então?

— Os joelhos de suas calças.

— E o que viu?

— O que eu esperava ver.

— Por que você bateu no chão?

— Meu caro Doutor, este é um momento de observação, não de conversa. Somos espões num país inimigo. Já exploramos a Praça Saxe-Coburg, agora partiremos para a rua ao lado.

A estrada em que nos encontramos quando viramos a esquina da deserta Praça Saxe-Coburg apresentava um contraste tão grande com ela quanto a frente de uma imagem faz com a parte de trás. Era uma das vias principais que conduziam o tráfego da cidade para o norte e oeste. A pista estava bloqueada com o imenso fluxo de comércio resultando numa maré dupla de entrada e saída, enquanto as faixas de pedestres estavam lotadas de pessoas apressadas. Foi difícil perceber, ao olharmos para a fileira de lojas elegantes e instalações comerciais imponentes, que elas realmente ficavam do outro lado da praça desbotada e estagnada que havíamos acabado de abandonar.

— Deixe-me ver — declarou Holmes, parando na esquina e olhando ao longo da via. — Eu gostaria apenas de lembrar a ordem das casas aqui. É um hobby meu ter um conhecimento exato de Londres. Ali estão a tabacaria Mortimer, a pequena loja de jornais, a agência do Banco Cidade & Subúrbio, o restaurante vegetariano e a garagem de charretes de McFarlane. Isso nos leva direto para a outra quadra. E agora, Doutor, fizemos nosso trabalho, então é hora de um pouco de diversão. Um sanduíche e uma xícara de café, e depois para a terra dos violinos, onde tudo é doçura, delicadeza e harmonia, e não há clientes ruivos para nos irritar com seus enigmas.

Meu amigo era um músico entusiasta, sendo ele próprio não apenas um intérprete muito competente, mas também um compositor de mérito incomum. Durante toda a tarde, ele ficou sentado envolto na mais perfeita felicidade, acenando suavemente seus dedos longos e finos no ritmo da música, enquanto seu rosto se mostrava sorridente e seus olhos lânguidos e sonhadores.

Expressões que eram tão diferentes das de Holmes, o cão de caça, Holmes, o implacável, perspicaz e atento agente criminoso. Em seu caráter singular, sua natureza dupla se afirmava, e sua extrema exatidão e astúcia representavam, como muitas vezes pensei, um contraste ao humor poético e contemplativo que ocasionalmente predominava nele. Seu ser oscilava rapidamente levando-o de um estado de desânimo à uma energia sem fim; e, como eu bem sabia, ele nunca era tão formidável como quando passava dias a fio descansando em sua poltrona em meio a improvisações e edições de Escrita Gótica. Era, então, quando a luxúria da perseguição subitamente se apoderava dele, e seu brilhante poder de raciocínio se tornava tão perceptível, que até os que não estavam familiarizados com seus métodos olhavam para ele com desconfiança, como se pensassem que o homem à sua frente possuía conhecimentos que iam além do humanamente possível. Quando o vi naquela tarde tão envolvido com a música na Sala de Concerto Saint James, senti que a coisa estava feia para quem ele se propôs a ir atrás.

— Sem dúvidas você quer ir para casa, Doutor — ele comentou quando saímos.

— Sim, seria bom.

— E eu tenho alguns assuntos a tratar que levarão algumas horas. Isso na Praça Saxe-Coburg é sério.

— Por que sério?

— Um crime considerável está acontecendo. Tenho todos os motivos para acreditar que chegaremos a tempo de impedi-lo. Mas hoje, sendo sábado, complica bastante as coisas. Vou querer sua ajuda esta noite.

— A que horas?

— Às dez estará ótimo.

— Estarei na Rua Baker às dez.

— Pois bem. E digo, Doutor, que pode haver um pouco de perigo, então por obséquio, traga seu revólver do exército.

Ele acenou com a mão, girou nos calcanhares e desapareceu num instante entre a multidão.



Acredito que não sou tão estúpido quanto meus vizinhos, mas sempre me senti oprimido em minhas relações com Sherlock Holmes. Eu ouvi o que ele ouviu, vi o que ele viu, e ainda assim, por suas palavras, era evidente que ele sabia exatamente não apenas o que havia acontecido, mas o que estava para acontecer, enquanto para mim todo o caso ainda estava muito confuso e grotesco. Enquanto dirigia para minha casa em Kensington, pensei em tudo, desde a

extraordinária história do copiador ruivo da Enciclopédia até a visita à Praça Saxe-Coburg e as palavras agourentas com as quais ele se afastou de mim.

Qual seria a razão desta expedição noturna? Por que eu deveria ir armado? Para onde estaríamos indo? O que iríamos fazer? Holmes insinuou que o imberbe funcionário do penhorista era um homem formidável — um homem que sabia calcular seus próximos passos. Tentei decifrar, mas, na minha impaciência, desisti e deixei o assunto de lado até que a noite trouxesse uma explicação.

Eram nove e quinze da noite quando saí de casa e atravessei o parque, passando pela Rua Oxford até a Rua Baker. Duas charretes estavam paradas na porta. Assim que entrei no corredor, ouvi o som de vozes vindo de cima. Ao entrar em seus aposentos, encontrei Holmes conversando animadamente com dois homens. Reconheci um deles. Era Peter Jones, um oficial da polícia. O outro era um homem alto e magro que tinha um semblante triste. Ele usava um chapéu muito vistoso e um sobretudo imponente.

— Ha! Nosso grupo está completo — exclamou Holmes, abotoando o paletó e pegando seu pesado chicote de montaria do cabideiro. — Watson, creio que você conheça o Sr. Jones, da Scotland Yard. Permita-me apresentá-lo ao Sr. Merryweather, que será nosso companheiro na aventura desta noite.

— Olhe só, Doutor! Faremos uma busca por criminosos em duplas novamente — disse Jones em tom pomposo. — Nosso amigo aqui é o homem perfeito para começar uma perseguição. Ele só precisa de uma mãozinha.

— Espero que a perseguição não seja uma perda de tempo — observou o Sr. Merryweather de forma melancólica.

— O senhor pode confiar sem medo no Sr. Holmes — assegurou o agente da polícia com altivez. — Espero que o Sr. Holmes não se ofenda, mas acredito que seus métodos sejam teóricos e fantásticos demais. Entretanto, não é exagero dizer que, uma ou duas vezes, suas soluções foram melhores que as da polícia, como no caso do assassinato do Major Sholto e do tesouro de Agra.

— Ah, se o senhor está dizendo, Sr. Jones, então tudo bem — afirmou o estranho com deferência. — Mesmo assim, confesso que sinto falta do carteadado. É a primeira noite de sábado em vinte e sete anos que não jogo cartas.

— Acho que os senhores vão descobrir — retrucou Sherlock Holmes — que hoje a jogatina será mais emocionante. Nunca houve tanto em jogo para os senhores como hoje. Para o Sr. Merryweather, o que está em jogo são trinta mil libras; para o Sr. Jones, capturar o homem que tanto procura.

— John Clay, o charmoso assassino, ladrão e falsificador. Ele é jovem, Sr. Merryweather, mas é o melhor da profissão e eu preferiria pôr minhas mãos nele do que em qualquer outro criminoso em Londres. John Clay é um homem notável. Seu avô foi um duque real e ele próprio frequentou as universidades de Eton e Oxford. Sua mente é tão astuta quanto seus dedos e, embora encontremos sinais dele a cada passo, nunca sabemos onde encontrá-lo de fato. Um dia ele invade uma propriedade na Escócia; em outro, arrecada fundos para construir um orfanato na Cornualha. Estou no seu encaço há anos e ainda não consegui pôr os olhos nele.

— Espero ter o prazer de apresentá-los esta noite. Também tive uma ou duas altercações com o Sr. John Clay e concordo com o senhor: ele é o melhor da profissão. Porém, já são mais de dez horas da noite e já passou da hora de começarmos. Queiram pegar a primeira charrete. Watson e eu seguiremos na segunda.

Sherlock Holmes não foi muito comunicativo durante a longa viagem e recostou-se na charrete cantarolando as músicas que ouvira à tarde. Atravessamos o interminável labirinto de ruas iluminadas por lamparinas com o veículo balançando, até que chegamos à Rua Farrington.

— Estamos prestes a chegar — comentou meu amigo. — O Sr. Merryweather é o gerente do banco e está pessoalmente interessado nesta investigação. Achei bom ter o Sr. Jones conosco também. Ele não é um mau sujeito, embora seja um incompetente em sua profissão. Ele tem uma qualidade positiva: é tão corajoso quanto um buldogue e tão tenaz como uma lagosta se colocar suas garras em alguém. Chegamos, os outros nos esperam.

Havíamos chegado à mesma rua movimentada em que nos encontrávamos pela manhã. Nossas charretes foram dispensadas e, seguindo a orientação do Sr. Merryweather, passamos por um acesso estreito e por uma porta lateral que ele abriu para nós. Dentro havia um pequeno corredor que terminava num enorme portão de ferro. Este também foi aberto, levando à uma espiral de degraus abaixo, que terminava em outro portão formidável. O Sr. Merryweather parou para acender uma lanterna e nos conduziu por uma passagem escura que cheirava à terra; assim, depois de abrir uma terceira porta, chegamos em uma espécie de cofre ou porão que possuía em seu interior um amontoado de caixotes e caixas enormes.

— O porão não é de fácil acesso por cima — observou Holmes enquanto erguia a lanterna e olhava ao redor.

— Nem por baixo — afirmou o Sr. Merryweather, batendo sua bengala nas lajes que cobriam o chão. — Ora, meu caro, isso aqui parece um tanto oco! — ele comentou, olhando surpreso.

— Por favor, fique quieto! — disse Holmes, em tom sério. — O senhor já colocou em risco todo o sucesso de nossa expedição. Por favor, tenha a bondade de se sentar em uma dessas caixas e não atrapalhar.

O solene Sr. Merryweather empoleirou-se em uma caixa, com um ar de mágoa no rosto, enquanto Holmes ajoelhava-se no chão e, com a lanterna e uma lupa, começou a examinar minuciosamente as rachaduras entre as pedras. Alguns segundos foram suficientes para satisfazê-lo, pois ele se levantou rapidamente e colocou a lupa no bolso.

— Temos pelo menos uma hora pela frente — observou ele —, pois eles dificilmente farão qualquer coisa até que o bom penhorista esteja na cama. Eles não vão desperdiçar um minuto sequer, pois quanto mais cedo fizerem seu trabalho, mais tempo terão para a fuga. Doutor, como vossa senhoria com certeza já adivinhou, estamos, neste momento, no porão da filial de um dos principais bancos do centro de Londres. O Sr. Merryweather é o gerente-geral do Banco Cidade & Subúrbio. Ele vai explicar porque os criminosos mais ousados de Londres têm um interesse considerável neste porão no momento.

— É o nosso ouro francês — sussurrou o diretor. — Recebemos vários avisos de que uma tentativa de roubo poderia ocorrer.

— Seu ouro francês?

— Sim. Há alguns meses, tivemos oportunidade de reforçar nossa segurança e, para esse fim, tomamos emprestados 30.000 napoleões do Banco da França. Veio a público o fato de que nunca tivemos motivo para desencaixotar o dinheiro e que este ainda encontra-se em nosso porão. A caixa em que estou sentado contém 2.000 napoleões empacotados entre camadas de folha de chumbo. Nossa reserva de ouro é muito maior no momento do que normalmente mantemos em uma única agência e os diretores têm receios sobre isso.

— E eles têm toda a razão — observou Holmes. — É hora de organizarmos nossos planos. Em aproximadamente uma hora eles estarão aqui. Enquanto isso, Sr. Merryweather, devemos cobrir aquela lanterna escura.

— E ficar no escuro?

— Receio que sim. Eu trouxe um baralho de cartas no bolso e pensei que, como somos quatro, o senhor poderia desfrutar de sua jogatina semanal. Mas vejo que os preparativos do inimigo estão completos e qualquer iluminação aqui poderá estragar nosso plano. Antes de mais nada, devemos escolher nossas posições. Esses são homens ousados e, embora os tenhamos em desvantagem, eles podem nos causar algum mal, a menos que tenhamos cuidado. Eu ficarei atrás desta caixa, e vocês devem se esconder atrás daquelas outras. Então, estejam prontos no momento que eu piscar uma luz sobre eles. Watson, se eles atirarem, não hesite em revidar.

Coloquei meu revólver engatilhado em cima da caixa de madeira atrás da qual me agachei. Holmes cobriu a lanterna e nos deixou na escuridão. Nunca havia experimentado uma escuridão tão absoluta quanto esta. O cheiro de metal quente permaneceu, garantindo que a luz ainda estava lá, pronta para iluminar a qualquer momento. Com meus nervos à flor da pele, havia algo deprimente e subjugante no breu repentino e no ar frio e úmido do cofre.

— Eles têm apenas uma rota de escape — sussurrou Holmes. — Pela casa na Praça Saxe-Coburg. O senhor fez o que eu pedi, Sr. Jones?

— Eu tenho um inspetor e dois policiais esperando na porta da frente.

— Então, fechamos todas as saídas. Agora devemos ficar em silêncio e esperar.

Pareceu uma eternidade! Fiz as contas e descobri que esperamos pouco mais de uma hora, mas a impressão que tive era de que o sol já estava prestes a raiar. Meu corpo estava cansado e rígido, pelo temor de mudar de posição; ainda assim, meus nervos estavam tão tensos e minha audição tão aguda que eu não só podia ouvir a respiração suave de meus companheiros, como também podia distinguir a inspiração profunda e pesada do corpulento Jones dos suspiros do franzino Sr. Merryweather. Da minha posição, olhando sobre a caixa, eu podia observar o chão. De repente, meus olhos captaram o brilho de uma luz.

A princípio, foi apenas uma estranha faísca no chão de pedra. Logo, a pequena faísca alongou-se, até se tornar uma linha amarela; então, sem qualquer aviso ou som, uma fenda se abriu e uma mão emergiu, uma mão branca, quase feminina, que tateou no centro da pequena área iluminada. A mão se contorceu por cerca de um minuto, logo projetando-se do chão. Em seguida, a mão sumiu tão repentinamente quanto apareceu, devolvendo-nos à escuridão, com exceção da pequena faísca que marcava uma fenda entre as pedras.

Seu desaparecimento, entretanto, foi apenas momentâneo. Com um barulho dilacerante, uma das grandes pedras brancas foram viradas de lado, deixando um buraco quadrado aberto, de onde fluía a luz de uma lanterna. Um rosto juvenil espiava intensamente os arredores sobre a borda do buraco. Com uma das mãos de cada lado da passagem, ele escalou a abertura até que um de seus joelhos pudesse se apoiar na borda. Em outro instante, ele ficou ao lado do buraco enquanto puxava um comparsa, que também era pequeno e ágil, de rosto pálido e cabeleira muito ruiva.

— A área está limpa — ele sussurrou. — Você trouxe o cinzel e as bolsas? Caramba! Pule, Archie! Pule, que eu vou te segurar!

Sherlock Holmes saltou de detrás da caixa e agarrou o intruso pelo colarinho. O seu comparsa pulou no buraco. Ouvi o barulho de pano sendo rasgado enquanto Jones tentava

agarrá-lo pela roupa. A luz brilhou sobre o cano de um revólver, mas o chicote de montaria de Holmes acertou o pulso do homem, derrubando sua pistola no chão.

— Não adianta, John Clay — disse Holmes calmamente. — Você não tem nenhuma chance.

— Eu percebi — friamente respondeu o outro. — Eu imagino que meu amigo esteja bem, embora eu veja que você tenha um pedaço da roupa dele.

— Há três homens esperando por ele na porta — disse Holmes.

— Imaginei algo parecido. Parece que você fez o dever de casa. Devo parabenizá-lo.

— A recíproca é verdadeira — respondeu Holmes. — Seu ruivo plano foi inovador e eficaz.

— Logo você fará companhia a seu amigo — disse Jones. — Ele desce buracos mais rapidamente do que eu. Coloque as mãos para trás para pôr as algemas.

— Eu prefiro que você não me toque com suas mãos imundas — comentou nosso prisioneiro, enquanto as algemas fechavam em seus pulsos. — Você pode não estar ciente que tenho sangue real em minhas veias. Peço que tenha a delicadeza de quando se dirigir a mim, sempre dizer 'senhor' e 'por favor'.

— Tudo bem — respondeu Jones, com uma risada irônica. — Por favor, "senhor", suba as escadas, pois o carro que levará Vossa Alteza para a delegacia vos aguarda.

— Assim é melhor — disse John Clay serenamente. Ele se curvou em reverência para nós três e saiu em silêncio sob a custódia do detetive.

— Realmente, Sr. Holmes — disse o Sr. Merryweather durante a nossa escolta para fora do porão —, não sei como o banco pode agradecer ou retribuir. Não há dúvida de que o senhor detectou e impediu de modo impecável uma das mais determinadas tentativas de assalto a banco que já vi em vida.

— Ainda tenho contas a acertar com o Sr. John Clay — disse Holmes. — Criei uma pequena despesa nesta investigação, que espero que o banco devolva; no entanto, fui bastante recompensado pela experiência singular do nosso trabalho, bem como a oportunidade de estudar o plano perspicaz da Liga dos Cabeças Vermelhas.



— Veja, Watson — Sherlock explicava durante o amanhecer, ao mesmo tempo em que degustávamos um copo de uísque com água tônica na Rua Baker. — Era perfeitamente óbvio desde o início que o único objetivo possível da cilada que envolveu o anúncio da Liga dos Cabeças Vermelhas e a cópia da Enciclopédia era tirar o inocente penhorista do caminho por

várias horas todos os dias. Foi um método um tanto peculiar utilizado para lidar com o problema, mas, na verdade, seria difícil sugerir uma melhor. O método foi sem dúvida sugerido à mente engenhosa de Clay pela cor do cabelo de seu cúmplice. O salário de 4 libras semanais era uma isca que deveria atraí-lo, que não faria diferença em seus bolsos pois estavam prestes a ficar ricos. Eles publicam o anúncio, um bandido ocupa o posto de recrutador, o outro convence o homem a se candidatar; desta forma eles conseguiram garantir sua ausência todas as manhãs da semana. Desde o momento em que soube que o funcionário aceitou o trabalho pela metade do salário, ficou óbvio para mim que ele tinha um interesse ulterior.

— Mas como você conseguiu adivinhar o motivo?

— Se houvesse mulheres na casa, eu suspeitaria que as razões seriam meramente sexuais. Isso, entretanto, estava fora de questão. O comércio do penhorista era pequeno e não havia nada em sua casa que pudesse explicar preparativos tão elaborados e caros. Então, imaginei que o alvo estava fora da casa. Qual poderia ser o alvo? Pensei no gosto do funcionário pela fotografia e em seu hábito de zarpar para o porão. O porão! No porão encontrava-se o fim do emaranhado. Fiz perguntas sobre esse misterioso funcionário e descobri que estava lidando com um dos criminosos mais calculistas e ousados de Londres. Ele estava fazendo alguma coisa no porão... algo que lhe tomava muitas horas por dia, meses a fio. Mais uma vez lhe pergunto: o que poderia ser? Eu não conseguia pensar em nada, exceto que ele estava abrindo um túnel para algum outro prédio.

Foi até este ponto que cheguei quando fomos visitar o alvo presumível. Eu o surpreendi batendo no chão com a minha bengala. Eu estava verificando se o porão se estendia pela frente ou por trás. Não se estendia pela frente. Então toquei a campainha e, como esperava, o funcionário atendeu. Tivemos alguns conflitos anteriormente, mas nunca tínhamos nos visto antes. Eu mal olhei para o rosto dele. Seus joelhos eram o que eu queria ver. Você mesmo deve ter notado como eles estavam gastos, enrugados e manchados. Eles me contaram das horas de escavação. O único ponto restante era saber por que cavavam. Dobrei a esquina e notei que o banco estava encostado às instalações do nosso amigo penhorista e senti que havia solucionado o problema. Como você percebeu, quando você voltou para casa após o concerto, visitei a Scotland Yard e o presidente dos diretores do banco.

— E como você imaginou que eles tentariam o roubo esta noite? — perguntei.

— Bem, quando eles fecharam o falso escritório, foi um sinal que eles não se importavam mais com a presença do Sr. Jabez Wilson. Em outras palavras, eles haviam concluído o túnel. Mas era essencial que o usassem logo, pois poderiam ser descobertos ou o ouro poderia ser removido. O sábado seria mais adequado para eles do que qualquer outro dia,

pois eles teriam dois dias para a fuga. Por todas essas razões, eu esperava que eles viessem esta noite.

— Perfeito raciocínio! — exclamei em admiração sincera. — É uma longa série de eventos; ainda assim, todos eles parecem verdadeiros.

— Isso me salvou do tédio — respondeu ele, bocejando. — Uma pena, pois já sinto ele se aproximando mais uma vez. Minha vida é gasta em um longo esforço para escapar das trivialidades da nossa existência. Esses pequenos casos me ajudam.

— E você é o benfeitor dos trabalhos — disse-lhe.

Sherlock Holmes deu de ombros.

— Bem, afinal das contas, há algo a se aproveitar — observou ele. — “*L'homme c'est rien — l'œuvre c'est tout*”¹, como escreveu Gustave Flaubert à George Sand.

¹ "O homem não é nada, o trabalho é tudo."

The Red-Headed League

I had called upon my friend, Mr. Sherlock Holmes, one day in the autumn of last year and found him in deep conversation with a very stout, florid-faced, elderly gentleman with fiery red hair. With an apology for my intrusion, I was about to withdraw when Holmes pulled me abruptly into the room and closed the door behind me.

“You could not possibly have come at a better time, my dear Watson,” he said cordially.

“I was afraid that you were engaged.”

“So I am. Very much so.”

“Then I can wait in the next room.”

“Not at all. This gentleman, Mr. Wilson, has been my partner and helper in many of my most successful cases, and I have no doubt that he will be of the utmost use to me in yours also.”

The stout gentleman half rose from his chair and gave a bob of greeting, with a quick little questioning glance from his small fat-encircled eyes.

“Try the settee,” said Holmes, relapsing into his armchair and putting his fingertips together, as was his custom when in judicial moods. “I know, my dear Watson, that you share my love of all that is bizarre and outside the conventions and humdrum routine of everyday life. You have shown your relish for it by the enthusiasm which has prompted you to chronicle, and, if you will excuse my saying so, somewhat to embellish so many of my own little adventures.”

“Your cases have indeed been of the greatest interest to me,” I observed.

“You will remember that I remarked the other day, just before we went into the very simple problem presented by Miss Mary Sutherland, that for strange effects and extraordinary combinations we must go to life itself, which is always far more daring than any effort of the imagination.”

“A proposition which I took the liberty of doubting.”

“You did, Doctor, but none the less you must come round to my view, for otherwise I shall keep on piling fact upon fact on you until your reason breaks down under them and acknowledges me to be right. Now, Mr. Jabez Wilson here has been good enough to call upon me this morning, and to begin a narrative which promises to be one of the most singular which I have listened to for some time. You have heard me remark that the strangest and most unique

things are very often connected not with the larger but with the smaller crimes, and occasionally, indeed, where there is room for doubt whether any positive crime has been committed. As far as I have heard, it is impossible for me to say whether the present case is an instance of crime or not, but the course of events is certainly among the most singular that I have ever listened to. Perhaps, Mr. Wilson, you would have the great kindness to recommence your narrative. I ask you not merely because my friend Dr. Watson has not heard the opening part but also because the peculiar nature of the story makes me anxious to have every possible detail from your lips. As a rule, when I have heard some slight indication of the course of events, I am able to guide myself by the thousands of other similar cases which occur to my memory. In the present instance I am forced to admit that the facts are, to the best of my belief, unique.”

The portly client puffed out his chest with an appearance of some little pride and pulled a dirty and wrinkled newspaper from the inside pocket of his greatcoat. As he glanced down the advertisement column, with his head thrust forward and the paper flattened out upon his knee, I took a good look at the man and endeavoured, after the fashion of my companion, to read the indications which might be presented by his dress or appearance.

I did not gain very much, however, by my inspection. Our visitor bore every mark of being an average commonplace British tradesman, obese, pompous, and slow. He wore rather baggy grey shepherd’s check trousers, a not over-clean black frock-coat, unbuttoned in the front, and a drab waistcoat with a heavy brassy Albert chain, and a square pierced bit of metal dangling down as an ornament. A frayed top-hat and a faded brown overcoat with a wrinkled velvet collar lay upon a chair beside him. Altogether, look as I would, there was nothing remarkable about the man save his blazing red head, and the expression of extreme chagrin and discontent upon his features.

Sherlock Holmes’ quick eye took in my occupation, and he shook his head with a smile as he noticed my questioning glances. “Beyond the obvious facts that he has at some time done manual labour, that he takes snuff, that he is a Freemason, that he has been in China, and that he has done a considerable amount of writing lately, I can deduce nothing else.”

Mr. Jabez Wilson started up in his chair, with his forefinger upon the paper, but his eyes upon my companion.

“How, in the name of good-fortune, did you know all that, Mr. Holmes?” he asked. “How did you know, for example, that I did manual labour. It’s as true as gospel, for I began as a ship’s carpenter.”

“Your hands, my dear sir. Your right hand is quite a size larger than your left. You have worked with it, and the muscles are more developed.”

“Well, the snuff, then, and the Freemasonry?”

“I won’t insult your intelligence by telling you how I read that, especially as, rather against the strict rules of your order, you use an arc-and-compass breastpin.”

“Ah, of course, I forgot that. But the writing?”

“What else can be indicated by that right cuff so very shiny for five inches, and the left one with the smooth patch near the elbow where you rest it upon the desk?”

“Well, but China?”

“The fish that you have tattooed immediately above your right wrist could only have been done in China. I have made a small study of tattoo marks and have even contributed to the literature of the subject. That trick of staining the fishes’ scales of a delicate pink is quite peculiar to China. When, in addition, I see a Chinese coin hanging from your watch-chain, the matter becomes even more simple.”

Mr. Jabez Wilson laughed heavily. “Well, I never!” said he. “I thought at first that you had done something clever, but I see that there was nothing in it after all.”

“I begin to think, Watson,” said Holmes, “that I make a mistake in explaining. ‘Omne ignotum pro magnifico,’ you know, and my poor little reputation, such as it is, will suffer shipwreck if I am so candid. Can you not find the advertisement, Mr. Wilson?”

“Yes, I have got it now,” he answered with his thick red finger planted halfway down the column. “Here it is. This is what began it all. You just read it for yourself, sir.” I took the paper from him and read as follows:

“TO THE RED-HEADED LEAGUE: On account of the bequest of the late Ezekiah Hopkins, of Lebanon, Pennsylvania, U.S.A., there is now another vacancy open which entitles a member of the League to a salary of £ 4 a week for purely nominal services. All red-headed men who are sound in body and mind and above the age of twenty-one years, are eligible. Apply in person on

Monday, at eleven o’clock, to Duncan Ross, at the offices of the League, 7 Pope’s Court, Fleet Street.”

“What on earth does this mean?” I ejaculated after I had twice read over the extraordinary announcement.

Holmes chuckled and wriggled in his chair, as was his habit when in high spirits. “It is a little off the beaten track, isn’t it?” said he. “And now, Mr. Wilson, off you go at scratch and tell us all about yourself, your household, and the effect which this advertisement had upon your fortunes. You will first make a note, Doctor, of the paper and the date.”

“It is The Morning Chronicle of April 27, 1890. Just two months ago.”

“Very good. Now, Mr. Wilson?”

“Well, it is just as I have been telling you, Mr. Sherlock Holmes,” said Jabez Wilson, mopping his forehead; “I have a small pawnbroker’s business at Coburg Square, near the City. It’s not a very large affair, and of late years it has not done more than just give me a living. I used to be able to keep two assistants, but now I only keep one; and I would have a job to pay him but that he is willing to come for half wages so as to learn the business.”

“What is the name of this obliging youth?” asked Sherlock Holmes.

“His name is Vincent Spaulding, and he’s not such a youth, either. It’s hard to say his age. I should not wish a smarter assistant, Mr. Holmes; and I know very well that he could better himself and earn twice what I am able to give him. But, after all, if he is satisfied, why should I put ideas in his head?”

“Why, indeed? You seem most fortunate in having an employé who comes under the full market price. It is not a common experience among employers in this age. I don’t know that your assistant is not as remarkable as your advertisement.” “Oh, he has his faults, too,” said Mr. Wilson. “Never was such a fellow for photography.

Snapping away with a camera when he ought to be improving his mind, and then diving down into the cellar like a rabbit into its hole to develop his pictures. That is his main fault, but on the whole he’s a good worker. There’s no vice in him.”

“He is still with you, I presume?”

“Yes, sir. He and a girl of fourteen, who does a bit of simple cooking and keeps the place clean—that’s all I have in the house, for I am a widower and never had any family. We live very quietly, sir, the three of us; and we keep a roof over our heads and pay our debts, if we do nothing more.

“The first thing that put us out was that advertisement. Spaulding, he came down into the office just this day eight weeks, with this very paper in his hand, and he says:

“‘I wish to the Lord, Mr. Wilson, that I was a red-headed man.’

“‘Why that?’ I asks.

“‘Why,’ says he, ‘here’s another vacancy on the League of the Red-headed Men. It’s worth quite a little fortune to any man who gets it, and I understand that there are more vacancies than there are men, so that the trustees are at their wits’ end what to do with the money. If my hair would only change colour, here’s a nice little crib all ready for me to step into.’

“‘Why, what is it, then?’ I asked. You see, Mr. Holmes, I am a very stay-at-home man, and as my business came to me instead of my having to go to it, I was often weeks on end

without putting my foot over the door-mat. In that way I didn't know much of what was going on outside, and I was always glad of a bit of news.

“Have you never heard of the League of the Red-headed Men?’ he asked with his eyes open.

“Never.’

“Why, I wonder at that, for you are eligible yourself for one of the vacancies.’

“And what are they worth?’ I asked.

“Oh, merely a couple of hundred a year, but the work is slight, and it need not interfere very much with one's other occupations.’

“Well, you can easily think that that made me prick up my ears, for the business has not been over good for some years, and an extra couple of hundred would have been very handy.

“Tell me all about it,’ said I.

“Well,’ said he, showing me the advertisement, ‘you can see for yourself that the League has a vacancy, and there is the address where you should apply for particulars. As far as I can make out, the League was founded by an American millionaire, Ezekiah Hopkins, who was very peculiar in his ways. He was himself red-headed, and he had a great sympathy for all red-headed men; so, when he died, it was found that he had left his enormous fortune in the hands of trustees, with instructions to apply the interest to the providing of easy berths to men whose hair is of that colour. From all I hear it is splendid pay and very little to do.’

“But,’ said I, ‘there would be millions of red-headed men who would apply.’

“Not so many as you might think,’ he answered. ‘You see it is really confined to Londoners, and to grown men. This American had started from London when he was young, and he wanted to do the old town a good turn. Then, again, I have heard it is no use your applying if your hair is light red, or dark red, or anything but real bright, blazing, fiery red. Now, if you cared to apply, Mr. Wilson, you would just walk in; but perhaps it would hardly be worth your while to put yourself out of the way for the sake of a few hundred pounds.’

“Now, it is a fact, gentlemen, as you may see for yourselves, that my hair is of a very full and rich tint, so that it seemed to me that if there was to be any competition in the matter I stood as good a chance as any man that I had ever met. Vincent Spaulding seemed to know so much about it that I thought he might prove useful, so I just ordered him to put up the shutters for the day and to come right away with me. He was very willing to have a holiday, so we shut the business up and started off for the address that was given us in the advertisement.

“I never hope to see such a sight as that again, Mr. Holmes. From north, south, east, and west every man who had a shade of red in his hair had tramped into the city to answer the

advertisement. Fleet Street was choked with red-headed folk, and Pope's Court looked like a coster's orange barrow. I should not have thought there were so many in the whole country as were brought together by that single advertisement. Every shade of colour they were—straw, lemon, orange, brick, Irish-setter, liver, clay; but, as Spaulding said, there were not many who had the real vivid flame-coloured tint. When I saw how many were waiting, I would have given it up in despair; but Spaulding would not hear of it. How he did it I could not imagine, but he pushed and pulled and butted until he got me through the crowd, and right up to the steps which led to the office. There was a double stream upon the stair, some going up in hope, and some coming back dejected; but we wedged in as well as we could and soon found ourselves in the office."

"Your experience has been a most entertaining one," remarked Holmes as his client paused and refreshed his memory with a huge pinch of snuff. "Pray continue your very interesting statement."

"There was nothing in the office but a couple of wooden chairs and a deal table, behind which sat a small man with a head that was even redder than mine. He said a few words to each candidate as he came up, and then he always managed to find some fault in them which would disqualify them. Getting a vacancy did not seem to be such a very easy matter, after all. However, when our turn came the little man was much more favourable to me than to any of the others, and he closed the door as we entered, so that he might have a private word with us.

"'This is Mr. Jabez Wilson,' said my assistant, 'and he is willing to fill a vacancy in the League.' "'And he is admirably suited for it,' the other answered. 'He has every requirement. I cannot recall when I have seen anything so fine.' He took a step backward, cocked his head on one side, and gazed at my hair until I felt quite bashful. Then suddenly he plunged forward, wrung my hand, and congratulated me warmly on my success.

"'It would be injustice to hesitate,' said he. 'You will, however, I am sure, excuse me for taking an obvious precaution.' With that he seized my hair in both his hands, and tugged until I yelled with the pain. 'There is water in your eyes,' said he as he released me. 'I perceive that all is as it should be. But we have to be careful, for we have twice been deceived by wigs and once by paint. I could tell you tales of cobbler's wax which would disgust you with human nature.' He stepped over to the window and shouted through it at the top of his voice that the vacancy was filled. A groan of disappointment came up from below, and the folk all trooped away in different directions until there was not a red-head to be seen except my own and that of the manager.

“‘My name,’ said he, ‘is Mr. Duncan Ross, and I am myself one of the pensioners upon the fund left by our noble benefactor. Are you a married man, Mr. Wilson? Have you a family?’

“I answered that I had not.

“His face fell immediately.

“‘Dear me!’ he said gravely, ‘that is very serious indeed! I am sorry to hear you say that. The fund was, of course, for the propagation and spread of the red-heads as well as for their maintenance. It is exceedingly unfortunate that you should be a bachelor.’

“My face lengthened at this, Mr. Holmes, for I thought that I was not to have the vacancy after all; but after thinking it over for a few minutes he said that it would be all right.

“‘In the case of another,’ said he, ‘the objection might be fatal, but we must stretch a point in favour of a man with such a head of hair as yours. When shall you be able to enter upon your new duties?’

“‘Well, it is a little awkward, for I have a business already,’ said I.

“‘Oh, never mind about that, Mr. Wilson!’ said Vincent Spaulding. ‘I should be able to look after that for you.’

“‘What would be the hours?’ I asked.

“‘Ten to two.’

“Now a pawnbroker’s business is mostly done of an evening, Mr. Holmes, especially Thursday and Friday evening, which is just before pay-day; so it would suit me very well to earn a little in the mornings. Besides, I knew that my assistant was a good man, and that he would see to anything that turned up.

“‘That would suit me very well,’ said I. ‘And the pay?’

“‘Is £ 4 a week.’

“‘And the work?’

“‘Is purely nominal.’

“‘What do you call purely nominal?’

“‘Well, you have to be in the office, or at least in the building, the whole time. If you leave, you forfeit your whole position forever. The will is very clear upon that point. You don’t comply with the conditions if you budge from the office during that time.’

“‘It’s only four hours a day, and I should not think of leaving,’ said I.

“‘No excuse will avail,’ said Mr. Duncan Ross; ‘neither sickness nor business nor anything else. There you must stay, or you lose your billet.’

“‘And the work?’

“Is to copy out the Encyclopædia Britannica. There is the first volume of it in that press. You must find your own ink, pens, and blotting-paper, but we provide this table and chair. Will you be ready to-morrow?”

“‘Certainly,’ I answered.

“‘Then, good-bye, Mr. Jabez Wilson, and let me congratulate you once more on the important position which you have been fortunate enough to gain.’ He bowed me out of the room and I went home with my assistant, hardly knowing what to say or do, I was so pleased at my own good fortune.

“Well, I thought over the matter all day, and by evening I was in low spirits again; for I had quite persuaded myself that the whole affair must be some great hoax or fraud, though what its object might be I could not imagine. It seemed altogether past belief that anyone could make such a will, or that they would pay such a sum for doing anything so simple as copying out the Encyclopædia Britannica. Vincent Spaulding did what he could to cheer me up, but by bedtime I had reasoned myself out of the whole thing. However, in the morning I determined to have a look at it anyhow, so I bought a penny bottle of ink, and with a quill-pen, and seven sheets of foolscap paper, I started off for Pope’s Court.

“Well, to my surprise and delight, everything was as right as possible. The table was set out ready for me, and Mr. Duncan Ross was there to see that I got fairly to work. He started me off upon the letter A, and then he left me; but he would drop in from time to time to see that all was right with me. At two o’clock he bade me good-day, complimented me upon the amount that I had written, and locked the door of the office after me.

“This went on day after day, Mr. Holmes, and on Saturday the manager came in and planked down four golden sovereigns for my week’s work. It was the same next week, and the same the week after. Every morning I was there at ten, and every afternoon I left at two. By degrees Mr. Duncan Ross took to coming in only once of a morning, and then, after a time, he did not come in at all. Still, of course, I never dared to leave the room for an instant, for I was not sure when he might come, and the billet was such a good one, and suited me so well, that I would not risk the loss of it.

“Eight weeks passed away like this, and I had written about Abbots and Archery and Armour and Architecture and Attica, and hoped with diligence that I might get on to the B’s before very long. It cost me something in foolscap, and I had pretty nearly filled a shelf with my writings. And then suddenly the whole business came to an end.”

“To an end?”

“Yes, sir. And no later than this morning. I went to my work as usual at ten o’clock, but the door was shut and locked, with a little square of cardboard hammered on to the middle of the panel with a tack. Here it is, and you can read for yourself.”

He held up a piece of white cardboard about the size of a sheet of note-paper. It read in this fashion:

“THE RED-HEADED LEAGUE IS DISSOLVED. October 9, 1890.”

Sherlock Holmes and I surveyed this curt announcement and the rueful face behind it, until the comical side of the affair so completely overtopped every other consideration that we both burst out into a roar of laughter.

“I cannot see that there is anything very funny,” cried our client, flushing up to the roots of his flaming head. “If you can do nothing better than laugh at me, I can go elsewhere.”

“No, no,” cried Holmes, shoving him back into the chair from which he had half risen. “I really wouldn’t miss your case for the world. It is most refreshingly unusual. But there is, if you will excuse my saying so, something just a little funny about it. Pray what steps did you take when you found the card upon the door?”

“I was staggered, sir. I did not know what to do. Then I called at the offices round, but none of them seemed to know anything about it. Finally, I went to the landlord, who is an accountant living on the ground floor, and I asked him if he could tell me what had become of the Redheaded League. He said that he had never heard of any such body. Then I asked him who Mr. Duncan Ross was. He answered that the name was new to him.

“‘Well,’ said I, ‘the gentleman at No. 4.’

“‘What, the red-headed man?’

“‘Yes.’

“‘Oh,’ said he, ‘his name was William Morris. He was a solicitor and was using my room as a temporary convenience until his new premises were ready. He moved out yesterday.’

“‘Where could I find him?’

“‘Oh, at his new offices. He did tell me the address. Yes, 17 King Edward Street, near St.

Paul’s.’

“I started off, Mr. Holmes, but when I got to that address it was a manufactory of artificial kneecaps, and no one in it had ever heard of either Mr. William Morris or Mr. Duncan Ross.”

“And what did you do then?” asked Holmes.

“I went home to Saxe-Coburg Square, and I took the advice of my assistant. But he could not help me in any way. He could only say that if I waited I should hear by post. But that was not quite good enough, Mr. Holmes. I did not wish to lose such a place without a struggle, so, as I had heard that you were good enough to give advice to poor folk who were in need of it, I came right away to you.”

“And you did very wisely,” said Holmes. “Your case is an exceedingly remarkable one, and I shall be happy to look into it. From what you have told me I think that it is possible that graver issues hang from it than might at first sight appear.”

“Grave enough!” said Mr. Jabez Wilson. “Why, I have lost four pound a week.”

“As far as you are personally concerned,” remarked Holmes, “I do not see that you have any grievance against this extraordinary league. On the contrary, you are, as I understand, richer by some £ 30, to say nothing of the minute knowledge which you have gained on every subject which comes under the letter A. You have lost nothing by them.”

“No, sir. But I want to find out about them, and who they are, and what their object was in playing this prank—if it was a prank—upon me. It was a pretty expensive joke for them, for it cost them two and thirty pounds.”

“We shall endeavour to clear up these points for you. And, first, one or two questions, Mr. Wilson. This assistant of yours who first called your attention to the advertisement—how long had he been with you?”

“About a month then.”

“How did he come?”

“In answer to an advertisement.”

“Was he the only applicant?”

“No, I had a dozen.”

“Why did you pick him?”

“Because he was handy and would come cheap.”

“At half wages, in fact.”

“Yes.”

“What is he like, this Vincent Spaulding?”

“Small, stout-built, very quick in his ways, no hair on his face, though he’s not short of thirty. Has a white splash of acid upon his forehead.”

Holmes sat up in his chair in considerable excitement. “I thought as much,” said he. “Have you ever observed that his ears are pierced for earrings?”

“Yes, sir. He told me that a gipsy had done it for him when he was a lad.”

“Hum!” said Holmes, sinking back in deep thought. “He is still with you?”

“Oh, yes, sir; I have only just left him.”

“And has your business been attended to in your absence?”

“Nothing to complain of, sir. There’s never very much to do of a morning.”

“That will do, Mr. Wilson. I shall be happy to give you an opinion upon the subject in the course of a day or two. To-day is Saturday, and I hope that by Monday we may come to a conclusion.”

“Well, Watson,” said Holmes when our visitor had left us, “what do you make of it all?”

“I make nothing of it,” I answered frankly. “It is a most mysterious business.”

“As a rule,” said Holmes, “the more bizarre a thing is the less mysterious it proves to be. It is your commonplace, featureless crimes which are really puzzling, just as a commonplace face is the most difficult to identify. But I must be prompt over this matter.”

“What are you going to do, then?” I asked.

“To smoke,” he answered. “It is quite a three pipe problem, and I beg that you won’t speak to me for fifty minutes.” He curled himself up in his chair, with his thin knees drawn up to his hawk-like nose, and there he sat with his eyes closed and his black clay pipe thrusting out like the bill of some strange bird. I had come to the conclusion that he had dropped asleep, and indeed was nodding myself, when he suddenly sprang out of his chair with the gesture of a man who has made up his mind and put his pipe down upon the mantelpiece.

“Sarasate plays at the St. James’s Hall this afternoon,” he remarked. “What do you think, Watson? Could your patients spare you for a few hours?”

“I have nothing to do to-day. My practice is never very absorbing.”

“Then put on your hat and come. I am going through the City first, and we can have some lunch on the way. I observe that there is a good deal of German music on the programme, which is rather more to my taste than Italian or French. It is introspective, and I want to introspect. Come along!”

We travelled by the Underground as far as Aldersgate; and a short walk took us to Saxe-Coburg Square, the scene of the singular story which we had listened to in the morning. It was a poky, little, shabby-genteel place, where four lines of dingy two-storied brick houses looked out into a small railed-in enclosure, where a lawn of weedy grass and a few clumps of faded laurel bushes made a hard fight against a smoke-laden and uncongenial atmosphere. Three gilt balls and a brown board with “JABEZ WILSON” in white letters, upon a corner house, announced the place where our red-headed client carried on his business. Sherlock Holmes stopped in front of it with his head on one side and looked it all over, with his eyes shining

brightly between puckered lids. Then he walked slowly up the street, and then down again to the corner, still looking keenly at the houses. Finally he returned to the pawnbroker's, and, having thumped vigorously upon the pavement with his stick two or three times, he went up to the door and knocked. It was instantly opened by a bright-looking, clean-shaven young fellow, who asked him to step in.

"Thank you," said Holmes, "I only wished to ask you how you would go from here to the Strand."

"Third right, fourth left," answered the assistant promptly, closing the door.

"Smart fellow, that," observed Holmes as we walked away. "He is, in my judgment, the fourth smartest man in London, and for daring I am not sure that he has not a claim to be third. I have known something of him before."

"Evidently," said I, "Mr. Wilson's assistant counts for a good deal in this mystery of the Redheaded League. I am sure that you inquired your way merely in order that you might see him."

"Not him."

"What then?"

"The knees of his trousers."

"And what did you see?"

"What I expected to see."

"Why did you beat the pavement?" "My dear doctor, this is a time for observation, not for talk. We are spies in an enemy's country. We know something of Saxe-Coburg Square. Let us now explore the parts which lie behind it."

The road in which we found ourselves as we turned round the corner from the retired SaxeCoburg Square presented as great a contrast to it as the front of a picture does to the back. It was one of the main arteries which conveyed the traffic of the City to the north and west. The roadway was blocked with the immense stream of commerce flowing in a double tide inward and outward, while the footpaths were black with the hurrying swarm of pedestrians. It was difficult to realise as we looked at the line of fine shops and stately business premises that they really abutted on the other side upon the faded and stagnant square which we had just quitted.

"Let me see," said Holmes, standing at the corner and glancing along the line, "I should like just to remember the order of the houses here. It is a hobby of mine to have an exact knowledge of London. There is Mortimer's, the tobacconist, the little newspaper shop, the Coburg branch of the City and Suburban Bank, the Vegetarian Restaurant, and McFarlane's carriage-building depot. That carries us right on to the other block. And now, Doctor, we've

done our work, so it's time we had some play. A sandwich and a cup of coffee, and then off to violin-land, where all is sweetness and delicacy and harmony, and there are no red-headed clients to vex us with their conundrums."

My friend was an enthusiastic musician, being himself not only a very capable performer but a composer of no ordinary merit. All the afternoon he sat in the stalls wrapped in the most perfect happiness, gently waving his long, thin fingers in time to the music, while his gently smiling face and his languid, dreamy eyes were as unlike those of Holmes the sleuth-hound, Holmes the relentless, keen-witted, ready-handed criminal agent, as it was possible to conceive. In his singular character the dual nature alternately asserted itself, and his extreme exactness and astuteness represented, as I have often thought, the reaction against the poetic and contemplative mood which occasionally predominated in him. The swing of his nature took him from extreme languor to devouring energy; and, as I knew well, he was never so truly formidable as when, for days on end, he had been lounging in his armchair amid his improvisations and his black-letter editions. Then it was that the lust of the chase would suddenly come upon him, and that his brilliant reasoning power would rise to the level of intuition, until those who were unacquainted with his methods would look askance at him as on a man whose knowledge was not that of other mortals. When I saw him that afternoon so enwrapped in the music at St. James's Hall I felt that an evil time might be coming upon those whom he had set himself to hunt down.

"You want to go home, no doubt, Doctor," he remarked as we emerged.

"Yes, it would be as well."

"And I have some business to do which will take some hours. This business at Coburg Square is serious."

"Why serious?"

"A considerable crime is in contemplation. I have every reason to believe that we shall be in time to stop it. But to-day being Saturday rather complicates matters. I shall want your help tonight."

"At what time?"

"Ten will be early enough."

"I shall be at Baker Street at ten."

"Very well. And, I say, Doctor, there may be some little danger, so kindly put your army revolver in your pocket." He waved his hand, turned on his heel, and disappeared in an instant among the crowd.

I trust that I am not more dense than my neighbours, but I was always oppressed with a sense of my own stupidity in my dealings with Sherlock Holmes. Here I had heard what he had heard, I had seen what he had seen, and yet from his words it was evident that he saw clearly not only what had happened but what was about to happen, while to me the whole business was still confused and grotesque. As I drove home to my house in Kensington I thought over it all, from the extraordinary story of the red-headed copier of the Encyclopædia down to the visit to SaxeCoburg Square, and the ominous words with which he had parted from me. What was this nocturnal expedition, and why should I go armed? Where were we going, and what were we to do? I had the hint from Holmes that this smooth-faced pawnbroker's assistant was a formidable man—a man who might play a deep game. I tried to puzzle it out, but gave it up in despair and set the matter aside until night should bring an explanation.

It was a quarter-past nine when I started from home and made my way across the Park, and so through Oxford Street to Baker Street. Two hansoms were standing at the door, and as I entered the passage I heard the sound of voices from above. On entering his room, I found Holmes in animated conversation with two men, one of whom I recognised as Peter Jones, the official police agent, while the other was a long, thin, sad-faced man, with a very shiny hat and oppressively respectable frock-coat.

“Ha! Our party is complete,” said Holmes, buttoning up his pea-jacket and taking his heavy hunting crop from the rack. “Watson, I think you know Mr. Jones, of Scotland Yard? Let me introduce you to Mr. Merryweather, who is to be our companion in to-night's adventure.”

“We're hunting in couples again, Doctor, you see,” said Jones in his consequential way. “Our friend here is a wonderful man for starting a chase. All he wants is an old dog to help him to do the running down.”

“I hope a wild goose may not prove to be the end of our chase,” observed Mr. Merryweather gloomily.

“You may place considerable confidence in Mr. Holmes, sir,” said the police agent loftily. “He has his own little methods, which are, if he won't mind my saying so, just a little too theoretical and fantastic, but he has the makings of a detective in him. It is not too much to say that once or twice, as in that business of the Sholto murder and the Agra treasure, he has been more nearly correct than the official force.”

“Oh, if you say so, Mr. Jones, it is all right,” said the stranger with deference. “Still, I confess that I miss my rubber. It is the first Saturday night for seven-and-twenty years that I have not had my rubber.”

“I think you will find,” said Sherlock Holmes, “that you will play for a higher stake to-night than you have ever done yet, and that the play will be more exciting. For you, Mr. Merryweather, the stake will be some £ 30,000; and for you, Jones, it will be the man upon whom you wish to lay your hands.”

“John Clay, the murderer, thief, smasher, and forger. He’s a young man, Mr. Merryweather, but he is at the head of his profession, and I would rather have my bracelets on him than on any criminal in London. He’s a remarkable man, is young John Clay. His grandfather was a royal duke, and he himself has been to Eton and Oxford. His brain is as cunning as his fingers, and though we meet signs of him at every turn, we never know where to find the man himself. He’ll crack a crib in Scotland one week, and be raising money to build an orphanage in Cornwall the next. I’ve been on his track for years and have never set eyes on him yet.”

“I hope that I may have the pleasure of introducing you to-night. I’ve had one or two little turns also with Mr. John Clay, and I agree with you that he is at the head of his profession. It is past ten, however, and quite time that we started. If you two will take the first hansom, Watson and I will follow in the second.”

Sherlock Holmes was not very communicative during the long drive and lay back in the cab humming the tunes which he had heard in the afternoon. We rattled through an endless labyrinth of gas-lit streets until we emerged into Farrington Street.

“We are close there now,” my friend remarked. “This fellow Merryweather is a bank director, and personally interested in the matter. I thought it as well to have Jones with us also. He is not a bad fellow, though an absolute imbecile in his profession. He has one positive virtue. He is as brave as a bulldog and as tenacious as a lobster if he gets his claws upon anyone. Here we are, and they are waiting for us.”

We had reached the same crowded thoroughfare in which we had found ourselves in the morning. Our cabs were dismissed, and, following the guidance of Mr. Merryweather, we passed down a narrow passage and through a side door, which he opened for us. Within there was a small corridor, which ended in a very massive iron gate. This also was opened, and led down a flight of winding stone steps, which terminated at another formidable gate. Mr. Merryweather stopped to light a lantern, and then conducted us down a dark, earth-smelling passage, and so, after opening a third door, into a huge vault or cellar, which was piled all round with crates and massive boxes.

“You are not very vulnerable from above,” Holmes remarked as he held up the lantern and gazed about him.

“Nor from below,” said Mr. Merryweather, striking his stick upon the flags which lined the floor. “Why, dear me, it sounds quite hollow!” he remarked, looking up in surprise. “I must really ask you to be a little more quiet!” said Holmes severely. “You have already imperilled the whole success of our expedition. Might I beg that you would have the goodness to sit down upon one of those boxes, and not to interfere?”

The solemn Mr. Merryweather perched himself upon a crate, with a very injured expression upon his face, while Holmes fell upon his knees upon the floor and, with the lantern and a magnifying lens, began to examine minutely the cracks between the stones. A few seconds sufficed to satisfy him, for he sprang to his feet again and put his glass in his pocket.

“We have at least an hour before us,” he remarked, “for they can hardly take any steps until the good pawnbroker is safely in bed. Then they will not lose a minute, for the sooner they do their work the longer time they will have for their escape. We are at present, Doctor—as no doubt you have divined—in the cellar of the City branch of one of the principal London banks. Mr. Merryweather is the chairman of directors, and he will explain to you that there are reasons why the more daring criminals of London should take a considerable interest in this cellar at present.”

“It is our French gold,” whispered the director. “We have had several warnings that an attempt might be made upon it.”

“Your French gold?”

“Yes. We had occasion some months ago to strengthen our resources and borrowed for that purpose 30,000 napoleons from the Bank of France. It has become known that we have never had occasion to unpack the money, and that it is still lying in our cellar. The crate upon which I sit contains 2,000 napoleons packed between layers of lead foil. Our reserve of bullion is much larger at present than is usually kept in a single branch office, and the directors have had misgivings upon the subject.”

“Which were very well justified,” observed Holmes. “And now it is time that we arranged our little plans. I expect that within an hour matters will come to a head. In the meantime Mr. Merryweather, we must put the screen over that dark lantern.”

“And sit in the dark?”

“I am afraid so. I had brought a pack of cards in my pocket, and I thought that, as we were a *partie carrée*, you might have your rubber after all. But I see that the enemy’s preparations have gone so far that we cannot risk the presence of a light. And, first of all, we must choose our positions. These are daring men, and though we shall take them at a disadvantage, they may do us some harm unless we are careful. I shall stand behind this crate,

and do you conceal yourselves behind those. Then, when I flash a light upon them, close in swiftly. If they fire, Watson, have no compunction about shooting them down.”

I placed my revolver, cocked, upon the top of the wooden case behind which I crouched. Holmes shot the slide across the front of his lantern and left us in pitch darkness—such an absolute darkness as I have never before experienced. The smell of hot metal remained to assure us that the light was still there, ready to flash out at a moment’s notice. To me, with my nerves worked up to a pitch of expectancy, there was something depressing and subduing in the sudden gloom, and in the cold dank air of the vault.

“They have but one retreat,” whispered Holmes. “That is back through the house into Saxe-

Coburg Square. I hope that you have done what I asked you, Jones?”

“I have an inspector and two officers waiting at the front door.”

“Then we have stopped all the holes. And now we must be silent and wait.”

What a time it seemed! From comparing notes afterwards it was but an hour and a quarter, yet it appeared to me that the night must have almost gone, and the dawn be breaking above us. My limbs were weary and stiff, for I feared to change my position; yet my nerves were worked up to the highest pitch of tension, and my hearing was so acute that I could not only hear the gentle breathing of my companions, but I could distinguish the deeper, heavier in-breath of the bulky Jones from the thin, sighing note of the bank director. From my position I could look over the case in the direction of the floor. Suddenly my eyes caught the glint of a light.

At first it was but a lurid spark upon the stone pavement. Then it lengthened out until it became a yellow line, and then, without any warning or sound, a gash seemed to open and a hand appeared, a white, almost womanly hand, which felt about in the centre of the little area of light. For a minute or more the hand, with its writhing fingers, protruded out of the floor. Then it was withdrawn as suddenly as it appeared, and all was dark again save the single lurid spark which marked a chink between the stones.

Its disappearance, however, was but momentary. With a rending, tearing sound, one of the broad, white stones turned over upon its side and left a square, gaping hole, through which streamed the light of a lantern. Over the edge there peeped a clean-cut, boyish face, which looked keenly about it, and then, with a hand on either side of the aperture, drew itself shoulderhigh and waist-high, until one knee rested upon the edge. In another instant he stood at the side of the hole and was hauling after him a companion, lithe and small like himself, with a pale face and a shock of very red hair.

“It’s all clear,” he whispered. “Have you the chisel and the bags? Great Scott! Jump, Archie, jump, and I’ll swing for it!”

Sherlock Holmes had sprung out and seized the intruder by the collar. The other dived down the hole, and I heard the sound of rending cloth as Jones clutched at his skirts. The light flashed upon the barrel of a revolver, but Holmes’ hunting crop came down on the man’s wrist, and the pistol clinked upon the stone floor.

“It’s no use, John Clay,” said Holmes blandly. “You have no chance at all.”

“So I see,” the other answered with the utmost coolness. “I fancy that my pal is all right, though I see you have got his coat-tails.”

“There are three men waiting for him at the door,” said Holmes.

“Oh, indeed! You seem to have done the thing very completely. I must compliment you.”

“And I you,” Holmes answered. “Your red-headed idea was very new and effective.”

“You’ll see your pal again presently,” said Jones. “He’s quicker at climbing down holes than I am. Just hold out while I fix the derbies.”

“I beg that you will not touch me with your filthy hands,” remarked our prisoner as the handcuffs clattered upon his wrists. “You may not be aware that I have royal blood in my veins. Have the goodness, also, when you address me always to say ‘sir’ and ‘please.’”

“All right,” said Jones with a stare and a snigger. “Well, would you please, sir, march upstairs, where we can get a cab to carry your Highness to the police-station?”

“That is better,” said John Clay serenely. He made a sweeping bow to the three of us and walked quietly off in the custody of the detective.

“Really, Mr. Holmes,” said Mr. Merryweather as we followed them from the cellar, “I do not know how the bank can thank you or repay you. There is no doubt that you have detected and defeated in the most complete manner one of the most determined attempts at bank robbery that have ever come within my experience.”

“I have had one or two little scores of my own to settle with Mr. John Clay,” said Holmes. “I have been at some small expense over this matter, which I shall expect the bank to refund, but beyond that I am amply repaid by having had an experience which is in many ways unique, and by hearing the very remarkable narrative of the Red-headed League.”

“You see, Watson,” he explained in the early hours of the morning as we sat over a glass of whisky and soda in Baker Street, “it was perfectly obvious from the first that the only possible object of this rather fantastic business of the advertisement of the League, and the copying of the Encyclopædia, must be to get this not over-bright pawnbroker out of the way for a number

of hours every day. It was a curious way of managing it, but, really, it would be difficult to suggest a better. The method was no doubt suggested to Clay's ingenious mind by the colour of his accomplice's hair. The £ 4 a week was a lure which must draw him, and what was it to them, who were playing for thousands? They put in the advertisement, one rogue has the temporary office, the other rogue incites the man to apply for it, and together they manage to secure his absence every morning in the week. From the time that I heard of the assistant having come for half wages, it was obvious to me that he had some strong motive for securing the situation."

"But how could you guess what the motive was?"

"Had there been women in the house, I should have suspected a mere vulgar intrigue. That, however, was out of the question. The man's business was a small one, and there was nothing in his house which could account for such elaborate preparations, and such an expenditure as they were at. It must, then, be something out of the house. What could it be? I thought of the assistant's fondness for photography, and his trick of vanishing into the cellar. The cellar! There was the end of this tangled clue. Then I made inquiries as to this mysterious assistant and found that I had to deal with one of the coolest and most daring criminals in London. He was doing something in the cellar—something which took many hours a day for months on end. What could it be, once more? I could think of nothing save that he was running a tunnel to some other building.

"So far I had got when we went to visit the scene of action. I surprised you by beating upon the pavement with my stick. I was ascertaining whether the cellar stretched out in front or behind. It was not in front. Then I rang the bell, and, as I hoped, the assistant answered it. We have had some skirmishes, but we had never set eyes upon each other before. I hardly looked at his face. His knees were what I wished to see. You must yourself have remarked how worn, wrinkled, and stained they were. They spoke of those hours of burrowing. The only remaining point was what they were burrowing for. I walked round the corner, saw the City and Suburban Bank abutted on our friend's premises, and felt that I had solved my problem. When you drove home after the concert I called upon Scotland Yard and upon the chairman of the bank directors, with the result that you have seen."

"And how could you tell that they would make their attempt to-night?" I asked.

"Well, when they closed their League offices that was a sign that they cared no longer about Mr. Jabez Wilson's presence—in other words, that they had completed their tunnel. But it was essential that they should use it soon, as it might be discovered, or the bullion might be

removed. Saturday would suit them better than any other day, as it would give them two days for their escape. For all these reasons I expected them to come to-night.”

“You reasoned it out beautifully,” I exclaimed in unfeigned admiration. “It is so long a chain, and yet every link rings true.” “It saved me from ennui,” he answered, yawning. “Alas! I already feel it closing in upon me. My life is spent in one long effort to escape from the commonplaces of existence. These little problems help me to do so.”

“And you are a benefactor of the race,” said I.

He shrugged his shoulders. “Well, perhaps, after all, it is of some little use,” he remarked. “‘L’homme c’est rien—l’œuvre c’est tout,’ as Gustave Flaubert wrote to George Sand.”